

UNIÃO DAS FORÇAS POPULARES E PATRIÓTICAS CONTRA A POLÍTICA DE CAPITULAÇÃO AOS IANQUES!

CALOROSO APÊLO À UNIÃO E À LUTA

A NOTA do Presidium do CC do PCB sobre a entrega de Fernando de Noronha aos norte-americanos, divulgada a semana passada (VOZ OPERÁRIA de 16/2/56) é um caloroso apêlo à união e à luta de «todos os cidadãos que amam sua pátria e desejam a paz» para impedir que nosso território se transforme numa praça de guerra dos Estados Unidos.

AO DENUNCIAR vigorosamente o caráter e as consequências do acôrdo firmado pelo sr. Juscelino Kubitschek com os militaristas norte-americanos para a instalação de uma base de teleguiados em território brasileiro, o Presidium do Comitê Central do PCB expressa também a convicção de que é possível unificar as mais amplas forças democráticas, patrióticas e nacionalistas para barrar o governo no perigoso caminho por que enveredou. «A política do sr. Juscelino Kubitschek de ceder à pressão dos círculos governantes dos Estados Unidos — declara o documento do PCB — está fadada a completo fracasso e é condenada pela maioria da nação. O povo não assistirá de braços cruzados à realização de uma política contrária aos interesses nacionais».

ESTA é a verdade. Nas condições atuais do Brasil e do mundo, não poderá prevalecer, contra a vontade do povo, da esmagadora maioria do país, uma política de capitulação às exigências e ameaças dos círculos monopolistas e guerreiros dos Estados Unidos. O crescimento do sentimento nacional

é um fator cada vez mais atuante e decisivo na vida política em nossa pátria. A própria vitória, nas urnas de 3 de outubro, e a posse, a 31 de janeiro do ano passado, dos srs. Kubitschek e João Goulart decorreram, em grande parte, deste crescente ódio do povo brasileiro ao colonizador imperialista, cujos interesses fundamentais eram representados mais consequentemente pelo ativo grupelho lanternoide-golpista.

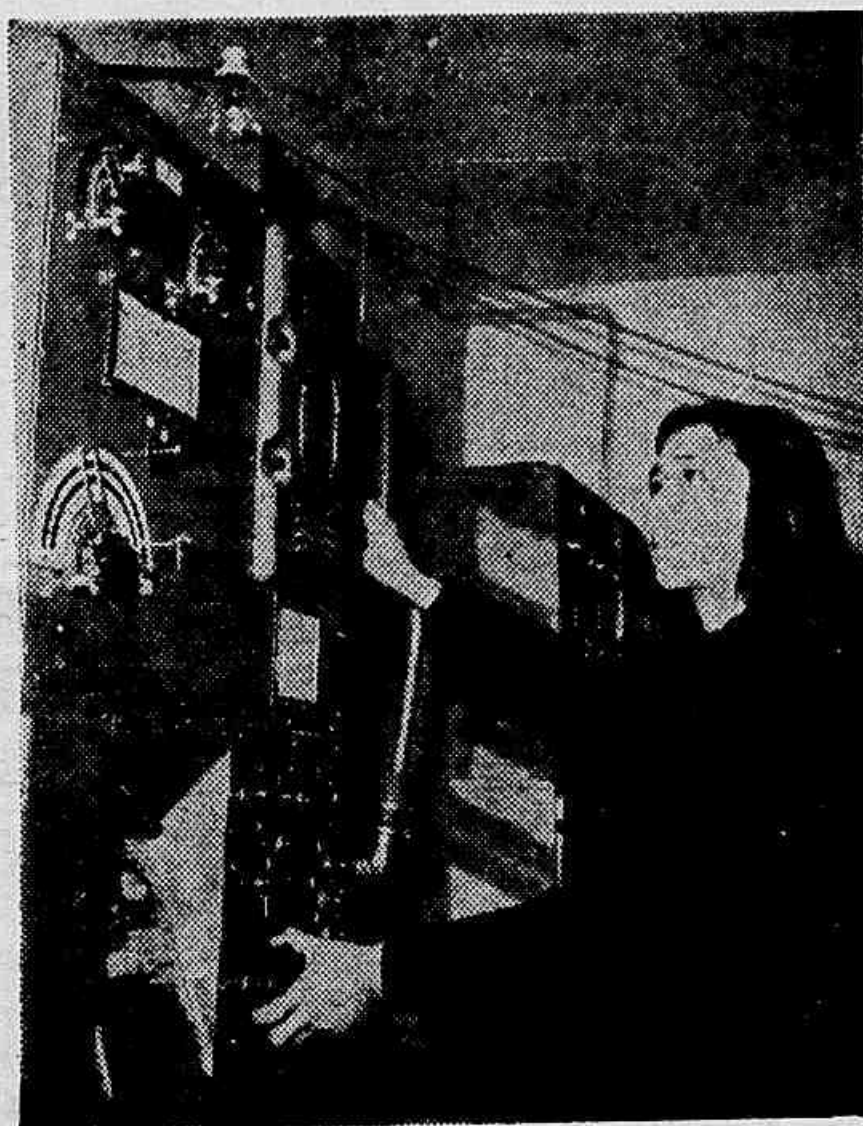
VACILANDO entre a maioria reacionária que compõe sua administração e os setores de tendências democráticas e patrióticas que nela também estão representados, o atual Presidente da República preferiu ceder ao imperialismo a se apoiar no povo. Mas uma coisa são os desejos do sr. Kubitschek e do grupo reacionário e impatriótico em que agora se apoia e outra as forças de que poderá dispor, realmente, para a execução efetiva dessas pretensões. Estas forças representam insignificante minoria dentro da nação, apesar de deterem fortes posições no aparelho do Estado e no governo. O próprio governo não é um bloco homogêneo e se todas as forças patrióticas e populares se unirem para lutar é evidente que se poderá paralisar e fazer recuar a atual política de capitulação e entreguismo e revogar as concessões antinacionais já feitas ao imperialismo yanque. O essencial é que, neste momento, os setores que sofrem mais diretamente a pressão do entreguismo se sintam estimulados à luta e à resistência pela atividade concreta das massas.

VOZ OPERÁRIA

Nº 405 — RIO DE JANEIRO, 23 DE FEVEREIRO DE 1957

A Verdade Sobre a Convenção Do P.C. Norte-Americano

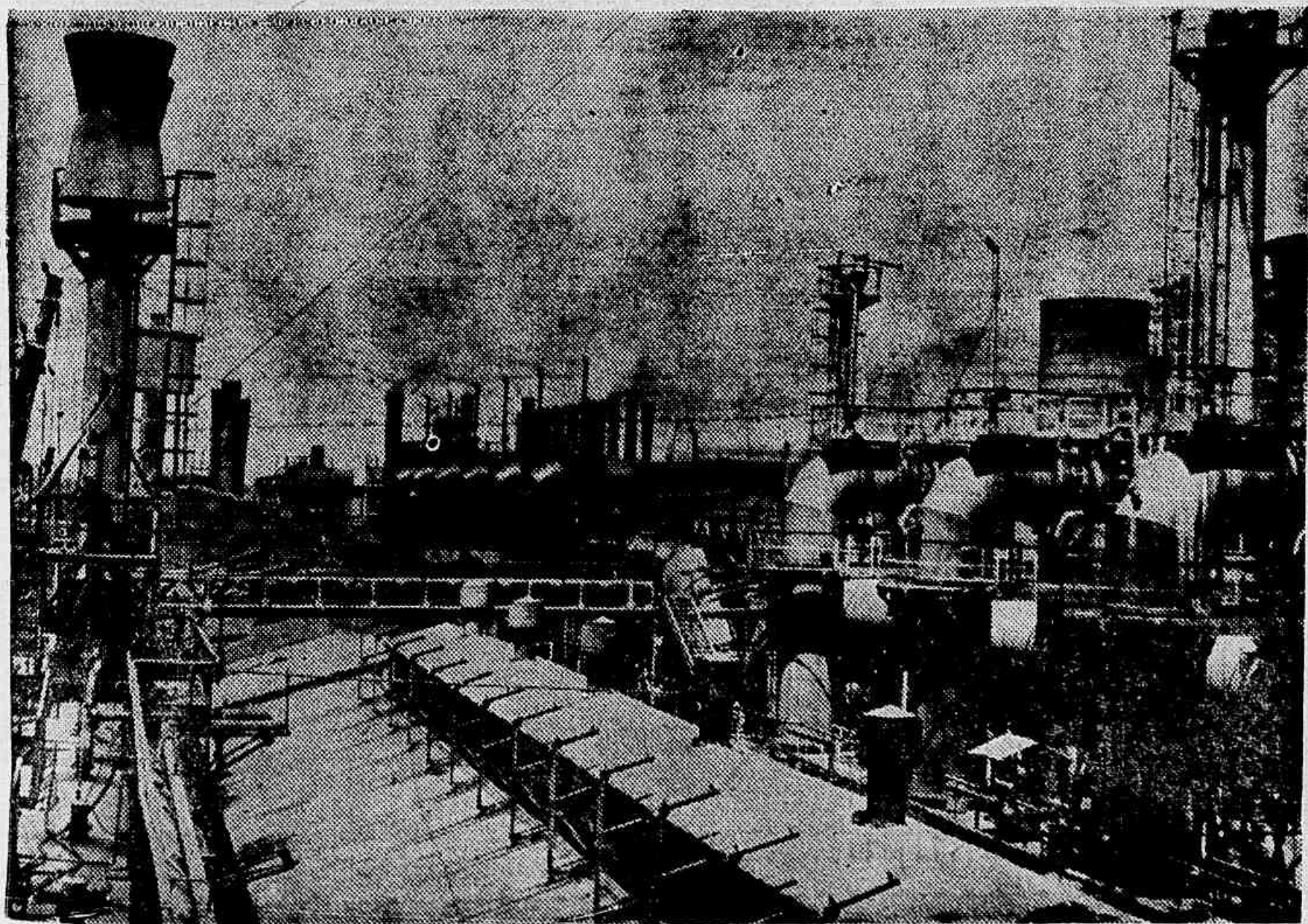
(Texto na
4ª Página)



BOLETIM DE DEBATE

ARTIGOS DE:

- ★ Miguel Alves: «As Questões em Debate e Nossa Autocrítica»
- ★ M. A. Coelho: «O Revisionismo na Questão do Capitalismo de Estado»
- ★ Quintino de Carvalho: «A Inevitabilidade dos Erros e a Intangibilidade dos Errados»
- ★ Júlio Teixeira: «Democratização e Outros Problemas»



A China Marcha Para o Socialismo

Uma visão da China Popular que se industrializa, varrendo um passado secular: o centro siderúrgico de Anshan. 23 projetos modernizados e reconstruídos foram ali terminados nos tres primeiros anos do Plano Quinquenal da nova China. Durante este período, quatro grandes laminadores controlados pelo sistema de botão de pressão foram postos em funcionamento. Estes laminadores possibilitam a Anshan iniciar a produção em massa de trilhos, estruturas modeladas, tubos sem costura e laminados. Outras fábricas estão em pleno funcionamento, dotadas de quatro altos fornos automáticos, oito fornos de bateria para coque, uma para a preparação de minérios e escória de ferro e duas de materiais termo-resistentes. Anshan foi dotada pelo governo da China Popular de um moderno parque siderúrgico. E está a cidade do aço chinês capacitada para produzir em menos de quatro meses tanto ferro em lingotes e aço laminado quanto foi produzido em todo o ano de 1952.

Declaração Conjunta do Partido Comunista Francês e Partido Operário Unificado Polonês

"A CRÍTICA FRATERNAL E AMIGÁVEL, BASEADA EM PRINCÍPIOS, PODE AJUDAR EFICAZMENTE AOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS EM SUA LUTA PELO SOCIALISMO" — O PC FRANCÊS SAÚDA AS VITÓRIAS DOS COMUNISTAS POLONESES — PELO RESPEITO AOS PRINCÍPIOS LENINISTAS NA COLABORAÇÃO ENTRE OS PARTIDOS COMUNISTAS: IGUALDADE, NÃO INGERÊNCIA NOS ASSUNTOS INTERNOS, ASSISTÊNCIA MÚTUA, TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Realizaram-se em Varsóvia de 21 de janeiro a 2 de fevereiro, conversações entre a delegação do Comitê Central do Partido Comunista Francês, constituída por Etienne Fajon, Raymond Guyot, Gustavo Ansard, membros do Birô Político, e Fernand Dupuy, membro do Comitê Central, e a delegação do Comitê Central do Partido Operário Unificado Polonês, constituída por Jerzy Morawski, membro do Birô Político; Edward Gierek, secretário do Comitê Central; Maryan Naszkowski, membro do Comitê Central e Joseph Szek, chefe da secção estrangeira. A delegação do Partido Comunista Francês efetuou igualmente conversações com o primeiro secretário do Comitê Central do Partido Operário Unificado Polonês, Wladislaw Gomulka.

Estas conversações desenvolveram-se numa atmosfera de franqueza, de compreensão mútua e de camaradagem.

No final das conversações, foi divulgada a seguinte declaração comum:

"O alívio da situação internacional, conquistado graças à vontade pacífica dos po-

vos e à política justa dos países do campo socialista, foi ultimamente comprometida pelas atividades das forças imperialistas. Estas atividades tendem nitidamente a agravar a tensão internacional, a manter ou restabelecer o jugo colonial sobre os povos da Ásia e da África e a cindir a coesão do campo do socialismo.

A recente agressão da Inglaterra, da França e de Israel contra o Egito demonstrou muito claramente tais tendências.

Esta agressão fracassou graças à resistência do povo egípcio, à firmeza do campo socialista e das forças da paz em todo o mundo. Os meios imperialistas americanos afirmam seu plano de ingerência nos negócios internos dos povos do Próximo e do Médio Oriente. Estes planos põem em perigo não apenas a independência destes povos mas igualmente a segurança mundial.

O governo francês efetua contra o povo argelino uma guerra colonialista, que tanto é contrária aos interesses do povo argelino como do povo francês. O reconhecimento do direito do povo argelino à independência é uma condição indispensável à solução pacífica deste problema. Na Europa, o imperialismo persegue objetivos semelhantes, anoiando-se na restauração do militarismo alemão na Alemanha Ocidental. A reconstituição da Wehrmacht e seu equipamento previsto, com armas atômicas, criam uma grave ameaça para os povos vizinhos da Alemanha bem como para a paz.

Os povos da França e da Polónia são particularmente sensíveis a tal perigo, tanto em virtude dos ensinamentos da história como de sua posição geográfica.

O Partido Comunista Francês e toda a classe operária francesa anoiam sem reserva a demarcação da fronteira polonesa sobre o Oder e o Neisse como uma fronteira de paz na Europa.

As duas delegações consideram que a luta contra o militarismo alemão e contra as atividades conhecidas como «eurocratas» que tendem a reforçá-lo (mercado comum, Euratom, etc.) constituem para os povos da França e da Polónia uma tarefa comum de primordial importância. Os dois partidos anoiam a República Democrática Alemã, que empreende o combate por uma Alemanha unida e pacífica, bem como a luta corajosa do Partido Comunista Alemão e de todas as forças pacíficas e democráticas da Alemanha Ocidental.

É necessário denunciar

particularmente a nomeação do famoso general hitlerista Hans Speidel para o comando das forças terrestres do Pacto do Atlântico, entre as quais se encontram as tropas francesas. Este fato provocou os mais vivos protestos das populações da França e da Polónia bem como de numerosos outros países da Europa.

Nestas condições, é indispensável intensificar a luta de todas as forças pacíficas da França e da Polónia para conseguir uma união internacional no que diz respeito ao desarmamento total. O Partido Comunista Francês e o Partido Operário Unificado Polonês apoiam plenamente todas as proposições justas e suscetíveis de conduzir realmente a um resultado positivo, mesmo parcial, e primeiramente as proposições da União Soviética de 17 de novembro de 1956.

Na Europa, um papel importante na luta pela paz cabe aos povos da Polónia e da França, povos unidos por uma tradição secular de amizade e cuja força essencial está na classe operária da Polónia e da França.

Após uma troca de pontos de vista referentes aos acontecimentos húngaros, o Partido Comunista Francês e o Partido Operário Unificado Polonês expressaram seu apoio ao Partido Socialista Operário Húngaro e ao governo revolucionário operário e camponês da Hungria, assim como ao seu programa de edificação do socialismo e de renovação da vida política e econômica.

Na luta da classe operária dos países capitalistas contra a exploração no esforço dos países socialistas para edificar sua nova vida, na luta pela manutenção e pelo re-

forço da paz no mundo, um fator decisivo é a amizade, a consolidação crescente e a colaboração de todos os Estados socialistas e de todos os Partidos Comunistas e Operários, ligados pelo internacionalismo proletário e pela igualdade de seus objetivos e de sua ideologia.

O Partido Comunista da União Soviética, — o Partido da primeira revolução socialista vitoriosa, — abriu o caminho para a formação dos Partidos Operários de novo tipo. Sua história e sua atividade constituem a soma da mais rica experiência para o conjunto do movimento operário internacional.

Partindo de uma análise aprofundada da situação internacional, o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética pôs em relevo as grandes perspectivas de desenvolvimento do movimento operário internacional, da luta pela paz e pelo socialismo.

Em consequência do XX Congresso, criaram-se igualmente condições para assegurar o pleno respeito aos princípios leninistas que regem a colaboração entre os Estados socialistas, bem como entre os Partidos Comunistas e Operários: princípios de igualdade, de não ingerência nos negócios internos e de assistência mútua; trocas de experiências sobre a realização, por cada povo, de seu caminho para o socialismo, cuja essência é uma, isto é — a transformação revolucionária do modo de produção sob a direção da classe operária.

Estes princípios são expostos na declaração do governo soviético de 30 de outubro de 1956, bem como nas declarações e nos acordos posteriores, principalmente no

acordo polono-soviético de 18 de novembro de 1956.

As duas delegações dedicam grande importância à crítica, pelo Partido Comunista da União Soviética, dos erros cometidos em relação ao culto à personalidade e ao fato de que eles revelam a necessidade de zelar pelo respeito às normas leninistas de vida partidária e por sua democracia interna. As duas delegações condenam toda atividade que tenda a, partindo desta crítica justa, por em causa os princípios fundamentais da luta de classes, assim como a unidade indispensável das fileiras do Partido.

A crítica fraternal e amigável, baseada em princípios, pode ajudar eficazmente aos Partidos Comunistas e Operários luta pelo socialismo.

Em sua atividade, bem como em suas relações mútuas, os Partidos Comunistas e Operários devem permanecer fiéis aos princípios do marxismo-leninismo; eles devem estar vigilantes em relação a toda tendência em revisionista, particularmente à tentativa no sentido de omitir a luta de classes, assim como toda concepção estreita da teoria, que não é um dogma, mas uma ciência viva e um guia para ação.

Eles devem empreender uma luta encarnecida contra a influência da ideologia reacionária na consciência do partido das massas trabalhadoras e particularmente contra o chovinismo, o nacionalismo, o anti-semitismo e o anti-sovietismo.

O Partido Operário Unificado Polonês expressa sua solidariedade ao Partido Comunista Francês e à classe operária francesa e apoia sua luta irreduzível pelo socialismo, pela união de to-

das as forças nacionais democráticas, pelos interesses dos trabalhadores e contra o fascismo, pela paz, pelo direito do povo argelino e de todos os povos oprimidos à autodeterminação.

A delegação do Partido Comunista Francês, saúda a grande vitória conquistada nas eleições de 20 de janeiro pelo Partido Operário Unificado Polonês, força dirigente da frente única nacional. O resultado das eleições reflete a confiança do povo polonês no socialismo para assegurar a independência e desenvolvimento do país, sua vontade de paz e de amizade entre as nações.

A delegação do Partido Comunista Francês assegura ao Partido Operário Unificado Polonês a solidariedade dos comunistas franceses ao seu esforço visando reforçar o socialismo na Polónia à base dos princípios leninistas.

As conversações entre as delegações do Comitê Central do Partido Operário Unificado Polonês e do Comitê Central do Partido Comunista Francês contribuíram para esclarecer numerosos problemas e para estabelecer uma melhor compreensão mútua, indispensável na colaboração dos dois partidos.

O Partido Comunista Francês e o Partido Operário Unificado Polonês, tendo como base, em suas relações mútuas, os princípios do internacionalismo proletário, decidiram prosseguir e reforçar a colaboração dos dois Partidos e levá-la avante, por diversas formas, no interesse das massas trabalhadoras de seus dois países, no interesse do reforço constante da amizade entre a Polónia e a França, no interesse da paz e do socialismo.

tempo que insistem com Israel para a retirada das tropas e cheguem a formular críticas duras a seu governo, as autoridades norte-americanas não apresentam nada que possa satisfazer, no mínimo que seja, as reclamações egípcias. Dulles advoga a retirada das tropas, em troca da garantia de livre navegação; mas nada diz do problema dos refugiados, entre outros. E isso não é só: se o armistício de 1949, rompido de parte a parte, fosse restaurado na parte em que favorece a Israel, a conclusão lógica seria um prêmio à agressão, pois os homens de Tel Aviv tinham como seu principal objetivo político e militar precisamente o livre acesso ao Golfo de Akaba. Ao mesmo tempo, até agora, não foi encaminhado de maneira positiva o problema de Suez que é o problema chave relativo ao Egito. Embora a resistência egípcia e o apoio internacional que lhe foi prestado frustrassem as tentativas de impedir a nacionalização, Washington, Londres, Paris e outras capitais insistem em manter a chamada "Cia. dos Usuários do Canal" e reclamam 50% dos direitos de passagem.

Ao mesmo tempo, porém, as próprias pretensões norte-americanas de substituírem britânicos e franceses como falsos protetores e reais exploradores dos povos árabes, criam-lhes dificuldades de manobra, diante da teimosia israelense. Aparecer como patrono de Israel, de maneira aberta, seria fechar as portas às possibilidades de fortalecer suas posições no mundo árabe, mesmo naquelas capitais que já saudaram a Doutrina Eisenhower e se incorporam ao Pacto de Bagdá. De onde as medidas de pressão realizadas pelo Departamento de Estado, a fim de coibir, pelo menos em parte, a agressividade dos dirigentes israelenses, de acordo com sua política de apresentarem-se como "imparciais" e "desinteressados".

Todavia, os truques dessa natureza perdem cada vez maior efeito. Sobretudo depois do grande êxito dos povos árabes na resistência à agressão ao Egito e à política do Pacto de Bagdá, a política bi-fronte do Departamento de Estado entra em maiores dificuldades, pois os seus atos contradizem abertamente as doces palavras da propaganda. A reação às propostas de Dulles é disso mais um indicio.



'DEFENDENDO DULLES'
(Dos jornais: os democratas exigem a demissão de Dulles, em troca de apoio à política externa de Eisenhower)
"Charge do 'Daily Mirror', de Londres, reproduzida pela revista americana 'TIME'"

crônica internacional

A Posição de Israel

A insistência de Israel em conservar em suas mãos os territórios egípcios de Akaba e Gaza, ocupados durante a agressão recente, continua a perturbar a situação do Próximo Oriente e do Médio, já perturbada por diversos assuntos e pela proclamação da Doutrina Eisenhower, de intervenção naquela região. Há uma decisão taxativa da ONU, em defesa do país agredido; há a condenação da opinião pública mundial aos métodos predatórios postos em prática pelo Governo de Tel Aviv; há a promessa egípcia de garantir a livre passagem dos navios israelenses pelo golfo de Akaba, se ocorrer a desocupação dos dois territórios; há a possibilidade de serem decretadas sanções econômicas pela Organização das Nações Unidas. Entretanto, Israel persiste.

Para essa atitude não conta, evidentemente, apenas com suas próprias forças. O que permite ao partido da guerra instalado em Tel Aviv persistir em sua atitude é precisamente a política dos países imperialistas que, obstando a independência dos países árabes e procurando impedir seu ressurgimento econômico e cultural, não podem desprezar a contribuição de Israel, que é o seu principal peão naquela área, o país mais fortemente armado de toda a zona semi-conflagrada. Alguns erros cometidos pelos supranacionalistas árabes auxiliam, sem dúvida, a obra dos Ben Gurion, da mesma forma que as barbaridades cometidas pelos terroristas judeus e o banimento de milhares de famílias árabes de seus lares favorece a atividade dos elementos muçulmanos mais exaltados. Mas esse elemento secundário e seria, dentro de algum tempo, encaminhado realisticamente pelos países da região (o Estado judeu e os Estados árabes) se os grandes círculos financeiros de Washington, Londres e Paris não constituíssem um fator determinante da perturbação.

Israel pode alimentar uma política de tensão e passar a atos agressivos concretos porque sabe que, independentemente das concessões que sejam obrigados a fazer aos países árabes mais decididamente anti-colonialistas, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos não chegariam a medidas extremas.

Disso são típicos alguns exemplos. Assim, ao mesmo

Bases no Nordeste Para Lançamento De Bombas A e H!

O EMBAIXADOR Amaral Peixoto negocia, em Washington, o estabelecimento de imensa rede de bases e instalações militares, em todo o Nordeste brasileiro, a título de «ajuda econômica» que seria na maior parte gasta para atender a fins militares. As informações a respeito já se tornam públicas, por iniciativa dos próprios círculos do Departamento de Estado, que estimulam uma grande campanha de imprensa, no Brasil, visando apresentar à opinião pública nacional, como fato consumado, as concessões que procuram arrancar do governo brasileiro, e às quais a entrega de Fernando de Noronha abriu o caminho. Eis o que pretende o governo dos Estados Unidos:

- 1) — cessão de novas bases para teleguiados nas Ilhas de Rocas e Trindade;
- 2) — instalação de um centro de comunicações, no litoral alagoano (proximidades de Maceió) para ligação com as forças militares lanques na Europa e Oriente Próximo e Médio;
- 3) — construção de rodovias ligando as principais cidades nordestinas, tendo em vista sua utilização para deslocamento de tropas;
- 4) — construção de aeródromos, no nordeste, para a decolagem de grandes aviões militares (bombardeiros B-25) que transportem bombas atômicas e de hidrogênio.

BASES ATÔMICAS

Assim, de acordo com os entendimentos que se processam em Washington, o nordeste brasileiro seria transformado em base para lançamento de bombas atômicas e de hidrogênio, o que tornaria nosso território o primeiro alvo das mesmas armas. O que pretende o Pentágono é não somente contar com bases mais próximas da Europa, África e Oriente Médio, mas deslocar do território norte-americano para o território de outros países o teatro de operações e as consequências das mesmas. Em caso de guerra, o primeiro alvo do bombardeio atômico, dos foguetes teleguiados, etc., seriam nós, e não eles! Esta é a ameaça pendente sobre nosso povo.

GASTOS MILITARES

Além disso, as negociações prevêm a substituição de

nosso equipamentos militares e sua completa padronização nos moldes lanques, a aquisição de material bélico, belonaves e outras gigantescas despesas com as próprias instalações militares — o que importaria em enorme sobrecarga sobre os ombros do nosso povo, já a braços com ingentes dificuldades econômico-financeiras — tudo em benefício dos fabricantes norte-americanos de armas, aviões, navios, etc. Nisso seria consumida a maior parte da «ajuda» lanque que seria, assim, ajuda — à nossa custa — aos próprios trustes dos Estados Unidos.

EM NOME DE QUÊ ?

As conversações em andamento são feitas, segundo afirmam os entreguistas do governo e da imprensa, em nome da «defesa do país». Com este chavão pretendem confundir a opinião pública. Esta, porém, começa a ver claro e a compreender que ninguém, a não ser os próprios imperialistas lanques, nos ameaça com um ataque, com uma guerra, e que a pretensa «defesa do hemisfério» apenas encobre o desejo norte-americano de apossar-se de nosso território e transformá-lo em trampolim de agressão.

É um dever nosso enfrentar os acontecimentos, realizando um grande esforço para desmascarar os argumentos mentirosos dos entreguistas e mobilizando o povo, todas as forças patrióticas e nacionalistas, todos os partidários da paz, para derrotar o monstruoso plano de ocupação lanque do Brasil e de transformação de nosso território em base de operações tendo em vista a carnificina atômica com a qual sonham os imperialistas dos Estados Unidos.

VEEMENTE PROTESTO PATRIÓTICO DA CÂMARA DE JOÃO PESSOA

Entre as manifestações patrióticas contra a cessão da ilha de Fernando Noronha aos imperialistas lanques pelo governo Kubitschek figura a da Câmara Municipal de João Pessoa, importante centro populoso compreendido na

área que, segundo o sr. Macedo Soares, será teatro de operações de uma guerra mundial. O protesto da Câmara Municipal de João Pessoa está expresso na seguinte nota:

«Esta Câmara, a requerimento do sr. Vereador Luiz Bernardo da Silva, torna público o seu protesto contra a cessão da ilha de Fernando Noronha aos americanos para fins belicosos, advertindo ainda os responsáveis por este infeliz ato dos perigos a que está sujeito nosso país, principalmente o nordeste, no caso de uma possível conflagração mundial e o poderio imensurável das armas nucleares dos contendores.

Fica, pois, o protesto, como uma patriótica advertência aos que concorreram para isso, a fim de que todos tomem conhecimento de que a nossa Pátria está em perigo, e o nosso povo indefeso, alvo dos perigos atômicos.»

A resolução da Câmara Municipal de João Pessoa foi adotada a 2 do corrente mês.

TOMADA DE POSIÇÃO, EM S. PAULO, PARA AS FUTURAS ELEIÇÕES ESTADUAIS E FEDERAIS

NO PRÓXIMO MÊS DE MARÇO REALIZAR-SE OS PLEITOS PARA A ESCOLHA DO PREFEITO E VICE-PREFEITO DA CAPITAL E DE MAIS 67 MUNICÍPIOS PAULISTAS

Em março realizar-se-ão as eleições para a escolha do prefeito e vice-prefeito da Capital e de mais 67 municípios de São Paulo, entre os quais Santos.

O pleito na Capital paulista, em Santos, São Caetano do Sul, Pedro de Toledo, Itariri, Barueri e Jequiá será realizado no dia 24 de março; nos demais municípios, no dia 10 do mesmo mês.

Essas eleições municipais em São Paulo revestem-se de grande importância política. Trata-se, na verdade, de uma tomada de posição das forças partidárias visando à sucessão estadual, em 1959 e a própria sucessão presidencial, em 1960. O grande contingente eleitoral representado por São Paulo no conjunto do país explica, por si mesmo, o empenho das diversas forças políticas em assegurar, nessas eleições municipais, posições decisivas para os próximos pleitos.

O maior interesse concentra-se, naturalmente, nas eleições à Prefeitura da Capital paulista, para a qual estão inscritos nada menos de um milhão e duzentos mil eleitores.

As duas grandes forças políticas que se enfrentarão no pleito da Capital são representadas pelo sr. Ademar de Barros (PSP) e pelo governador Jânio Quadros, que deu seu apoio público à candidatura Prestes Maia (UDN). A disposição dos partidos políticos em favor de um ou outro candidato (Prestes Maia ou Ademar de Barros), assim como a manutenção ou a desistência da candidatura apoiada pelo prefeito Toledo Piza (sr. Pedroso Horta) farão pender os resultados das urnas no sentido de um

ou de outro desses dois candidatos.

A COALIZÃO DE MAIO DE 55

Lamentavelmente, não foi possível rearticular a frente de forças populares que deu a vitória, há dois anos, às candidaturas de Lino de Matos e Toledo Piza. Não obstante os dois candidatos vitoriosos naquela ocasião terem, à frente da Prefeitura, mantido uma orientação nacionalista, apoiado e estimulado o funcionamento dos conselhos distritais e tomado posição consequentemente antigolpista durante os acontecimentos de novembro do ano passado, não se fizeram os necessários esforços para que prosseguisse, depois das eleições, a coalizão vitoriosa em maio de 55. A coalizão foi cindida e não por motivo de questões realmente fundamentais, mas em consequência de problemas administrativos para os quais se poderiam encontrar soluções práticas, como foram encontradas, por exemplo, em caso semelhante e de comum acordo, pelas forças políticas que elegeram, em Recife, o prefeito Pelópidas Silveira.

Nessas condições, as forças populares ficaram na impossibilidade de escolherem, elas mesmas, candidatos que expressassem melhor que os atuais um programa de reivindicações democráticas do povo paulistano.

Isto não significa, entretanto, que o apoio dos setores democráticos a uma ou outra das candidaturas seja na Capital de São Paulo e nos demais municípios poderão significar um novo agrupamento absolutamente sem significação política. De qualquer ma-

neira, os resultados do pleito na Capital de São Paulo e nos demais municípios, poderão significar um novo agrupamento de forças, com possibilidades de se ampliar ulteriormente, tendo em vista assegurar uma influência maior dos setores democráticos, nacionalistas e populares na futura sucessão estadual. Tendo isto em vista, as forças políticas mais esclarecidas empenhar-se-ão, certamente, e da maneira mais ativa, na campanha eleitoral que se abre em várias dezenas de municípios paulistas.

Reflexos da Portaria da SUMOC na

QUEDA DAS LICITAÇÕES DE DÓLAR-CONVÊNIO NA ÚLTIMA SEMANA — AS DESVANTAGENS DO ANTERIOR SISTEMA DE ÁGIOS MÍNIMOS E A NECESSIDADE DE AMPLIAR CONSIDERAVELMENTE O NÚMERO DE PAÍSES COM OS QUAIS COMERCIAMOS

A recente portaria da SUMOC fixando novos e mais altos níveis dos ágios mínimos para a licitação nos leilões de câmbio já começa a fazer sentir seus efeitos no comércio entre o Brasil e os 17 países com os quais mantemos convênios bilaterais.

Como demonstramos em nossa última edição, a portaria da SUMOC, visando combater a fraude da «triangulação» e certos inconvenientes decorrentes das diferenças de ágios entre as moedas fortes e as moedas fracas, terá como um de seus principais efeitos o fortalecimento da posição dos Estados Unidos em nosso comércio internacional.

De fato, a portaria da SUMOC elevou, particularmente e de forma muito sensível, os ágios mínimos das moedas dos países com os quais mantemos convênios bilaterais, tornando menos convidativo aos importadores brasileiros a compra de mercadorias dessa procedência. E se reduzimos as compras nesses países é também claro que eles terão forçosamente de reduzir suas compras ao Brasil, desde que nos pagam com suas mercadorias os produtos brasileiros que adquirem.

MONOPÓLIO VIRTUAL

Atualmente, 82 países participam do comércio mundial, mas o Brasil tem intercâmbio comercial apenas com 27 deles. Dêstes, 17 comerciam conosco à base de acordos bilaterais, de modo que somente com 10 deles praticamos um comércio multilateral. A nova portaria da SUMOC, entravando as trocas comerciais com os 17 países com os quais mantemos acordos bilaterais, procura centralizar em apenas seis países de moeda forte nossa corrente comercial. E, entre es-

Ataque Entreguista Contra as Posições Conquistadas Pelas Forças Nacionalistas

No momento em que o governo do sr. Juscelino Kubitschek envereda abertamente pelo caminho da capitulação ao imperialismo norte-americano pode assumir papel de extraordinária significação nas lutas patrióticas que se colocam diante do povo brasileiro o núcleo de resistência nacionalista que, desde algum tempo, vem-se constituindo no Parlamento.

Este núcleo é representado, hoje, pela Frente Parlamentar Nacionalista, que inclui mais de 70 deputados federais, de quase todas as bancadas e conta com o apoio de vários senadores. Seu programa de 13 itens representa um denominador comum do pensamento das diversas correntes e camadas sociais de nosso país que, de um ou de outro modo, se batem pela emancipação nacional, contra a subordinação dos interesses fundamentais do povo brasileiro aos interesses políticos e econômicos dos grandes grupos financeiros estrangeiros.

A Frente Parlamentar Nacionalista teve destacada influência na batalha contra os acordos atômicos celebrados com os EE.UU. em 1955 e numa série de outros movimentos patrióticos com repercussão dentro do Congresso. Presentemente com a assinatura, pelo governo do acordo de cessão de Fernando de Noronha aos Estados Unidos, os membros da Frente Nacionalista têm procurado uma coordenação para trazê-lo a apreciação do Congresso, de quem o povo brasileiro, através de crescentes setores de opinião, exige a revogação de semelhante ato de lesa-pátria.

É nessas condições, justamente com a chegada ao Rio do

sr. Amaral Peixoto, que se transformou de embaixador do Brasil em Washington em recadeiro do Departamento de Estado junto ao governo Kubitschek, que se abriu dentro de certos partidos — como o PSD — e em toda a imprensa entreguista, uma solerte campanha contra os parlamentares que defendem posições nacionalistas e patrióticas.

No PSD procura-se afastar dos postos de direção, e mesmo reduzir ao silêncio, o grupo de parlamentares que têm tomado várias vezes posição contrária às pretensões colonizadoras dos EE. UU. em nosso país, grupo conhecido como a «ala moça» do partido majoritário. Semelhantemente, procura-se dentro do PTB, alijar dos cargos de liderança aqueles de seus membros que procuram seguir a orientação nacionalista da carta-testamento de Vargas.

Assim a batalha que se trava para o preenchimento dos cargos diretores da Câmara dos Deputados e de suas comissões especializadas já reflete um choque, que tende a se aprofundar, entre nacionalistas e entreguistas, dentro do governo e dentro dos partidos políticos.

Parece, pois fora de dúvida que se chegou um momento de estimular o movimento de massas não somente para a luta contra a entrega de Fernando de Noronha e outras bases aos norte-americanos, mas ainda para fortalecer, dentro do próprio governo do Parlamento (Frente Parlamentar Nacionalista) e aos partidos políticos a posição daqueles setores que procuram resistir à pressão imperialista e defender os interesses nacionais.

Estagnação do Comércio Bilateral

ses seis países, os Estados Unidos ficam numa posição privilegiada.

LICITAÇÕES NA ÚLTIMA SEMANA

As licitações dos últimos dias já indicam, por exemplo, uma virtual paralisação do comércio com os 17 países com os quais mantemos convênios bilaterais. Assim, não houve nenhuma licitação de dólar-convênio para Israel e o Uruguai; para a Hungria, houve apenas uma, na 3ª categoria. Não houve nenhuma licitação, na 5ª categoria, de moeda para a Tchecoslováquia e a Dinamarca. Em situações semelhantes ficaram a Espanha, Finlândia, Suécia, Argentina, Chile e Polónia.

NECESSIDADE FUNDAMENTAL: AMPLIAR MERCADOS

Ninguém poderia opor-se a que o governo realizasse os necessários corretivos ao antigo sistema de ágios mínimos, que oferecia substancial diferença entre os ágios das moedas fortes e os das moedas fracas, o que resultava em prejuízos para o Tesouro Nacional.

No antigo sistema dos ágios mínimos, as mercadorias dos países com os quais mantemos convênios bilaterais, embora custassem, muitas vezes, mais caro que as das nações de moedas convertíveis (os preços calculados em dólares) podiam ser obtidas, pelo comércio importador, a preços menores (em cruzeiros). Isto resultava num dispêndio maior de dólares pelo Brasil.

Entretanto, ao tentar sanar estes inconvenientes, o governo o fez de tal modo a provocar um virtual estancamento do comércio com grande número de países com os quais temos convênios bilaterais. A solução deveria ser encontrada através de medidas que estimulem as trocas comerciais com todos os países, permitindo-nos utilizar todas as possibilidades do mercado internacional para vender nossas mercadorias em melhores condições e comprar os produtos estrangeiros aos preços mais convidativos. Assim poderiam ser estimuladas tanto as trocas multilaterais, como os próprios acordos bilaterais, à base, por exemplo, da elaboração de listas de produtos a serem trocados entre os países interessados.

ELEITOS VINTE MEMBROS DO NOVO COMITÊ NACIONAL

OUTROS 40 SERÃO ELEITOS EM CONVENÇÕES ESTADUAIS -- ASPECTOS DA RESOLUÇÃO APROVADA -- SERÁ ELABORADO UM NOVO PROGRAMA -- MANIFESTANDO-SE CONTRA O DOGMATISMO, MARX ESCREVEU AOS SOCIALISTAS AMERICANOS: "NÃO ME CITEM COMO BÍBLIA"

específicas de um ou de outro país».

Resolução

A resolução também conclama a um re-exame de algumas teorias que podem estar superadas hoje, «pelos problemas inteiramente novos e sem precedentes que surgem atualmente e que nunca foram tratados por Marx, Engels ou Lênin».

Com exemplo, a convenção observou que «nós, bem como outros partidos marxistas já deixamos de lado co-

mo obsoleta a tese de que a guerra é inevitável sob o imperialismo». Também rejeitamos como incorreto o conceito de que é inevitável a revolução proletária violenta, reconhecendo a possibilidade em nosso país da transição pacífica e constitucional ao socialismo».

Mais ainda: «Ficamos de completo acordo em estudar mais a questão de nossa teoria e tática sobre a proximidade da guerra, teoria do Estado, ditadura do proletaria-

do e outras questões que a exiguidade de tempo não nos oferece oportunidade para resolver nesta convenção nacional.»

O novo Comitê Nacional foi instruído no sentido de traçar um novo programa do Partido «a fim de definir clara e inequivocamente o ponto de vista dos comunistas americanos sobre todos os problemas fundamentais da luta pelo socialismo nos Estados Unidos».

AS RELAÇÕES ENTRE OS PARTIDOS MARXISTAS

Eis o informe aprovado pela Convenção do Partido Comunista, sobre as «Relações entre os partidos marxistas». O informe foi apresentado por Nenny Sparks, co-presidente do Subcomitê de Resolução do Partido:

Com a transformação do socialismo em sistema mundial, tornou-se necessário reconhecer, ao lado da contradição entre as forças do imperialismo e populares, um novo tipo de contradição: uma contradição entre os países socialistas, ou entre os partidos Comunistas dos diferentes países.

Nos dias que antecederam à I Guerra Mundial, imaginava-se geralmente que as fronteiras nacionais e a consciência nacional desapareceriam com o surgimento do socialismo. No entanto Lênin insistia, mesmo antes da I Guerra Mundial, sobre a importância da questão nacional.

Ao contrário do que se esperava, em 1917 a revolução socialista não foi uma revolução de extensão mundial, mas restrita a um só país. Desde então, o socialismo se desenvolveu dentro de linhas nacionais e num mundo em que a consciência nacional é cada vez mais forte. Isto complica grandemente os problemas do internacionalismo proletário.

Assim é que, hoje, a despeito de seus objetivos e perspectivas comuns, achamos que a unidade do mundo socialista não é de nenhum modo automática. Foi precisamente a solução desta questão que o Partido Comunista Chinês dedicou recentemente seu excelente artigo, e a ela também se deve as visitas de Chu En Lai à União Soviética e às Democracias Populares.

O método de solução desta contradição entre os países

socialistas, é o método da crítica e da luta, mas esta crítica deve ser dentro do fundamento e do reconhecimento de que o conflito fundamental está entre as forças do imperialismo. Devemos admitir que ao nos depararmos com este novo tipo de contradição recentemente, cometemos muitos erros, quer confundindo as duas contradições, quer deixando de concentrar, no essencial, na contradição fundamental. Sem dúvida levaremos algum tempo e necessitaremos de maior experiência para que todos aprendamos como agir frente a este novo tipo de questão, corretamente, através do labirinto dos acontecimentos históricos que caracterizam o período em que vivemos.

A debilidade ao reconhecer as complicações do desenvolvimento histórico do socialismo levou-nos também a uma aceitação, desprovida de crítica, dos desenvolvimentos na União Soviética, e a nossa tendência em aceitar sem crítica as observações de marxistas de outros países. Exageramos as possibilidades de um único caminho mundial, não reconhecendo que este só nos pode servir como um guia geral. Isto resultou no fortalecimento do doutrinarismo de nossa parte, conduziu-nos a desconfiar das observações de nossos próprios membros que atuam no campo, e frear o desenvolvimento normal de nosso trabalho teórico.

Em julho de 1943, a Internacional Comunista apresentou como uma das principais razões de sua dissolução o seguinte argumento:

«A profunda diferença nos caminhos históricos de desenvolvimento de cada país no mundo, o caráter diverso e mesmo a contradição na ordem social, a diferença de nível e proporção de seu desenvolvimento social, e finalmente a diferença no grau de consciência e de organização dos operários, condicionam também os vários problemas que se apresentam ante a classe operária de cada país individualmente.»

Isso é ainda mais verdadeiro hoje, com as vastas e maiores complicações da situação. Por isso, mais do que nunca, devemos ser, como o assinalou o camarada Dennis em sua intervenção: «não só organicamente, mas também, ideologicamente independentes».

Deveríamos estudar cuidadosamente todas as opiniões

e críticas, de modo inteiramente responsável, mas a opinião de quem quer que seja não deve determinar nossa política.

Só a política que seja produto de nossa própria interpretação e da aplicação de nossos princípios científicos do marxismo-leninismo às necessidades e interesse da classe operária e do povo americano devem ser válidos para nós.

Por isso vosso comitê propõe a adoção desta parte do Projeto de Resolução, que vai da página 57 até ao alto da página 63, com a seguinte emenda. Esta emenda é baseada numa Resolução da Convenção Estadual de Illinois e foi adotada unanimemente por vosso comitê.

E a seguinte:

«Novos problemas de relações surgiram como resultado do aparecimento do socialismo como sistema mundial, compreendendo um número de estados nacionais, em substituição a um único país socialista cercado. Sérios desvios e erros nas relações entre a URSS e outros Estados socialistas — como o atestam os exemplos da Polónia e da Hungria — foram revelados. Efetuam-se esforços no sentido de corrigir estes desvios e algumas importantes correções foram efetuadas à base de um maior desenvolvimento dos princípios marxistas-leninistas do internacionalismo proletário, da igualdade e independência nacional. A correção dos erros nas relações entre os Estados socialistas é facilitada pelo fato de que a base fundamental de tais relações são a ideologia comum, os objetivos comuns, a assistência e a cooperação mútuas.

A solidariedade internacional da classe operária inclui o direito e a responsabilidade da crítica fraternal aos partidos irmãos ou às ações dos governos socialistas. Ao mesmo tempo exige-se que tais críticas sejam feitas dentro do fundamento e do reconhecimento de que o conflito fundamental de todos os povos é com as forças do imperialismo.»

N. da R. — Segundo as notícias publicadas pela imprensa reacionária em nosso país, notícias estas veiculadas pela "United Press", a XVI Convenção Nacional do Partido Comunista dos Estados Unidos teria expulso dos cargos de direção a William Foster e seus companheiros. Assim também, o Partido Comunista dos Estados Unidos teria rompido relações com a União Soviética e passaria a ser dirigido por uma secretaria de 20 membros. Como se verá da reportagem que abaixo publicamos, extraída das páginas do "Daily Worker", jornal dos comunistas norte-americanos, mais uma vez a verdade é outra e bem diferente das informações confusoras transmitidas pelas agências do imperialismo.

A Convenção do Partido Comunista dos Estados Unidos firmou sua independência em matéria de teoria e em suas relações com os demais Partidos Comunistas. Tendo apenas uma dúzia de convencionais sem haver votado e cinco que se abstiveram, os trezentos delegados resolveram que os comunistas americanos interpretem, apliquem e desenvolvam os princípios do socialismo científico de acordo com as exigências das tradições democráticas e da luta de classes nos Estados Unidos».

Steve Nelson arrancou aplausos quando, em resposta a crítica feita por Jacques Duclos de «perigoso» afastamento do marxismo-leninismo pelo PC dos Estados Unidos, declarou: «Esta convenção tirará suas próprias interpretações».

Nelson lembrou aos delegados, reunidos no quarto dia da Convenção, que Karl Marx, no século passado, certa vez dirigiu-se aos socialistas americanos declarando: «não me citem como Bíblia». Ele sustentava que os comunistas americanos tinham a responsabilidade de extrair sua própria interpretação do marxismo-leninismo.

Calorosos Debates

Houve calorosos debates de várias horas sobre o assunto, um dos mais discutidos pelos membros do Partido no período pre-convencional.

William Weinstone e Al Lannon colocaram-se entre os que falaram em oposição a parte emendada do Projeto de Resolução aprovada por unanimidade num sub-comitê.

Lannon disse aos delegados que a resolução significava que «estamos atirando pela janela a ciência marxista-leninista». Afirmou que «Projeto de Resolução está impregnado de forte tendência oportunista de direita».

Os que se opunham queriam modificar o conceito de interpretação para «como é aplicado criadoramente pelos comunistas americanos».

As observações de Nelson e Lannon, bem como os resultados da eleição foram dados aos jornalistas por Simon Gerson, porta-voz chefe da Convenção.

A convenção firmou que «a solidariedade proletária internacional compreende o direito a crítica fraternal dos partidos irmãos ou as ações dos governos socialistas».

«As mesmo tempo, exige

que tal crítica seja orientada no sentido de que a contradição fundamental de todos os povos é contra as forças do imperialismo.

Eleição dos Dirigentes

Vinte membros de um novo comitê nacional de 60 foram eleitos por votação secreta. Os demais 40 serão eleitos pelas convenções estaduais que deverão ser realizadas dentro de um mês ou seis semanas. Os 20 eleitos deverão reunir-se logo após a convenção e escolher um pequeno comitê de 7, que dirigirá a organização até que o total de 60 membros decida designar os membros efetivos e executivos.

Os 20, escolhidos dentro os 46 candidatos são: Miss Crallene Alexander, de Los Angeles, com 210 votos; Claude Lightfoot, Chicago, 201; James E. Jackson, Richmond, 186; Dorothy Healy, Los Angeles, 176; Benjamin J. Davies, Nova Iorque, 174; Eugene Denis, 174; William Z. Foster, Nova Iorque, 172; Earl Durrum, Chicago, 167; Doxey Wilkerson, Nova Iorque, 145; Carl Winter, Detroit, 143; John Hellman, Butte, Montana, 141; Fred M. Fine, Chicago, 141; Anna Correa, Denver, 140; Carl Ross, Minneapolis, 136; Al Richmond, San Francisco, 134; John Gates, Nova Iorque, 129; Sidney Stein, Newark, N. J.



EUGENE DENNIS

129; David Davis, Filadélfia, 118; Charles Loman, Nova Iorque, 118 e George Blay Charney, 115.

Dos 20 eleitos, sete são negros. Ana Correa é uma jovem mexicana-americana.

O novo Comitê Nacional recebeu poderes da convenção para incorporar os membros



WILLIAM Z. FOSTER

do antigo Comitê Nacional encarcerados pelo Smith Act, logo que forem libertados.

A resolução com emendas sobre teoria declara que «o marxismo-leninismo é uma análise científica das leis universais e objetivas do desenvolvimento social. É a generalização da experiência da classe operária de cada país e de todas as terras, e, como toda ciência, é um produto internacional».

«Os princípios do socialismo científico foram estabelecidos primeiramente por Marx e Engels. Foram ainda mais desenvolvidos na etapa imperialista por Lênin. Mais tarde foram enriquecidos pelos marxistas contemporâneos de vários países».

«O Partido Comunista baseia sua teoria, em geral na herança cultural da humanidade e, particularmente, nos princípios do socialismo científico desenvolvidos por Marx Engels e Lênin».

«O PC Americano interpreta esses princípios, aplica-os e se empenha em desenvolvê-los ainda mais, de acordo com as exigências da luta de classe e as tradições democráticas americanas».

«Devemos aprender muito mais com o aproveitamento a riqueza desta teoria universalmente válida, combinando-a com as experiências específicas da classe operária americana na luta pelo socialismo nos Estados Unidos. Ao realizar isto o Partido deve fazer distinção entre as contribuições à teoria marxista válida para todos os países e as que refletem exclusivamente determinadas particularidades



STEVE NELSON

BOLETIM DE DEBATE

As Questões em Debate e Nossa Autocrítica

MIGUEL ALVES

Ao discutir as questões suscitadas pelo XX Congresso do PCUS os comunistas brasileiros buscam, como os de outros países, extrair a experiência dos erros cometidos e dos êxitos alcançados. É natural e indispensável que esta discussão assuma um caráter profundamente autocrítico. A própria natureza dos erros revelados no XX Congresso do PCUS — erros que chegaram a ferir princípios fundamentais de nosso movimento — estava a exigir de todos os Partidos Comunistas e de cada comunista um sério exame autocrítico de sua atividade.

O XX Congresso do PCUS constatou que o movimento comunista alcançou grandes êxitos nos últimos tempos. O surgimento de um sistema mundial de nações socialistas, o grandioso progresso da União Soviética na construção do comunismo, as vitórias das forças da paz e da democracia em todo o mundo — são fatos que atestam a marca ascendente do movimento comunista e democrático, a força invencível dos princípios marxistas-leninistas que se encarnam na realidade.

Ao mesmo tempo, o Congresso revelou a existência de sérios erros e defeitos na atividade do PCUS durante o último período da direção do camarada Stálin. Infringindo a tese fundamental do marxismo sobre o papel das massas e do indivíduo na história, instituiu-se no Partido o culto à personalidade de Stálin, ao qual se atribuíram todas as realizações do povo soviético. Na direção do Partido foi violado o princípio leninista da direção coletiva, implantando-se em seu lugar a direção individual de Stálin, que se afastava seriamente das massas e da realidade, tomando decisões arbitrárias e unilaterais. Verificaram-se violações do princípio do centralismo democrático na vida do Partido e do Estado, o que teve como resultado a prática de graves arbitrariedades e injustiças. Nas relações com as nações socialistas e os Partidos Comunistas irmãos, a União Soviética adotou uma posição internacionalista, prestando-lhes grandes ajuda, mas em alguns casos, no período da direção de Stálin, manifestaram-se tendências ao chovinismo de grande nação que não foram combatidas a tempo. Reinava na vida ideológica do Partido o dogmatismo, a repetição mecânica do pensamento de Stálin, sem o necessário espírito crítico e criador.

Ante a gravidade destes erros, surgiu em certos setores do movimento comunista uma tendência ao desânimo e à descrença. A condenação resoluta dos erros não pode levar-nos, porém, à conclusão derrotista de que o movimento comunista se desviou dos seus objetivos fundamentais. Em que pese as graves violações de princípios marxistas-leninistas, a sociedade socialista se desenvolveu na União Soviética, que hoje progride no sentido do comunismo. Por graves que sejam os erros cometidos nos Partidos Comunistas, estes se mantiveram à frente da classe operária e dirigem a luta pela democracia e o socialismo. A própria reavaliação do papel de Stálin — necessária para

desfazer o culto místico, de fundo idealista, que impede a análise crítica de sua obra — não pode ser feita sem levar em conta tanto os seus erros gravíssimos como a sua contribuição pessoal positiva à causa do socialismo. A corajosa denúncia dos erros pelos dirigentes soviéticos demonstrou, ao contrário do que apregoa a propaganda inimiga, não a fraqueza e a decadência do movimento comunista, mas a sua grande força, a capacidade de avançar sempre pela superação dos próprios defeitos. Vale recordar aqui o que disse Lênin: «Todos os partidos revolucionários que sucumbiram até agora, pereceram por causa de sua presunção e porque não se davam conta do que constituía sua força e temiam falar de suas fraquezas. Nós não sucumbiremos, porque não tememos falar de nossas fraquezas e aprenderemos a superá-las» (Discurso de conclusão sobre o informe político do Comitê Central do PC (b) da Rússia ao XI Congresso do Partido).

As revelações do XX Congresso não podiam deixar de repercutir profundamente em todo o movimento comunista mundial, que recebeu durante esse período uma considerável influência ideológica do PCUS e, em particular, de Stálin. Cada Partido Comunista procurou examinar de modo autocrítico sua atividade à luz dos ensinamentos do XX Congresso e de sua própria experiência.

Em nosso Partido, é inevitável que os erros cometidos no PCUS tiveram profunda influência. É certo que não se deve analisar este fenômeno como um reflexo puro e simples, como mera projeção em nosso Partido do culto à personalidade e suas consequências. Para compreendermos o caráter real destes erros em nosso Partido e suas raízes ideológicas, será necessário analisá-los dentro do quadro geral da formação e do desenvolvimento do PCB. Não é tarefa para ser realizada individualmente, nem nos limites de um artigo. Aqui damos apenas uma opinião pessoal no debate.

No nosso Partido, em seus 34 anos de vida, tem travado lutas heróicas à frente do proletariado e do povo brasileiro. Embora tenhamos incorrido em sérios desvios de direita e esquerda, que nos afastavam em certa medida dos princípios marxistas-leninistas, mantivemos alto a bandeira da revolução anti-feudal e antiliberalista, estivemos na vanguarda da luta pelas reivindicações operárias e populares, pela independência nacional, pela liberdade e pela paz.

Vozes isoladas pretendem agora pôr em dúvida o papel de vanguarda da classe operária e do povo desempenhado pelo nosso Partido. E desta idéia partem logicamente para a pregação de teses liquidacionistas. Nenhuma elaboração contra o Partido poderá conseguir, porém, o que não conseguiram dezenas de anos de calúnias e perseguições: anular o PCB como força de vanguarda.

Graças à sua ação abnegada, nosso Partido conquistou merecido prestígio entre as grandes massas do povo, cresceu e fortaleceu-se. Mas esse avanço vem sendo seriamente entravado pela persistência no Partido de concepções errôneas, opostas ao marxismo-leninismo. Algumas destas concepções nos acompanham de longa data, são profundamente arraigadas na consciência e na ação de nossos dirigentes e militantes. Não nos referimos aqui apenas a tendências temporárias, mas a concepções ideológicas errôneas, a violações dos princípios do marxismo-leninismo, das quais aqueles desvios temporários são manifestações. Em que medida contribuíram para a persistência dessas concepções em nosso Partido os graves erros ocorridos no PCUS e no movimento comunista mundial, sabido como é que os partidos comunistas receberam durante longo tempo considerável influência ideológica da Internacional Comunista e do PCUS?

Referimo-nos a concepções como o dogmatismo na vida ideológica do Partido, à violação do conhecido princípio: «O marxismo não é um dogma, mas um guia para a ação». Tem sido uma constante na vida do PCB a transplantação mecânica das fórmulas e experiências estrangeiras, como também a repetição dos princípios gerais do marxismo, sem que se leve em conta a prática concreta da revolução em nosso país, as condições reais e as particularidades da situação brasileira. Este erro de caráter subjetivista nos tem levado, como afirma o projeto de resolução do CC, a «incompreensões da realidade, a interpretações mecânicas e unilaterais dos fenômenos, a falsas avaliações de fatos e situações, de suas causas e consequências». Daí os erros frequentes, ora de direita ora de esquerda, em que incorremos ao traçar a política do Partido, porque não se pode elaborar uma política certa sem analisar justamente a situação concreta e peculiar do país, à luz da ciência marxista-leninista. A que devemos atribuir este longo predomínio do dogmatismo em nosso Partido? A causa fundamental está, sem dúvida, no insuficiente desenvolvimento ideológico e teórico de nossos quadros dirigentes, de todos nós, que não fomos capazes ainda de romper com o modo de pensar subjetivista, de fundo idealista. Mas agora está claro que na persistência da concepção dogmática em nosso Partido influenciou grandemente o dogmatismo reinante no PCUS e no movimento comunista mundial, relacionado com o culto à personalidade. «O dogmatismo e o escolasticismo — diz o editorial de «Pravda» de 28-3-56 — são um produto direto da expansão do culto à personalidade, sob o qual se escondem que desenvolvem e fazem progredir a teoria expressar algo original e novo só podia fazê-lo um homem: Stálin, e que todos os demais deviam popularizar as idéias expostas por ele».

Na política do Partido, estas concepções se manifestam no sectarismo, nas tendências «esquerdistas» que têm raízes tão profundas em nossas fileiras. Depois de romper com a linha oportunista de «esquerda», sectária e aventureira no Manifesto de Agosto, que causou prejuízos tão sérios ao movimento revolucionário, nosso Partido veio avançando no sentido de elaborar uma tática justa. Os êxitos alcançados nas eleições de 1955, a ampliação da frente única antiliberalista, as vitórias parciais obtidas na luta pela independência nacional e pelas liberdades democráticas, demonstram que começamos a trilhar o caminho certo. Entretanto, mesmo quando adotamos certas posições táticas justas a atuação política de nosso Partido se ressentiu de nefastas tendências sectárias, assinaladas pelo projeto de resolução do CC. Essas tendências refletem toda uma concepção falsa das relações entre o Partido e as massas. Não possuímos a compreensão de que o Partido Comunista existe para servir as massas e não para pôr as massas a seu serviço. Não temos suficiente fé na libertação do povo por suas próprias forças, e muitas vezes pretendemos substituir a ação das massas pela própria força, e muitas vezes pretendemos substituir a ação das massas pela ação do Partido, como se a salvação do povo fosse obra dos «heróis» ativos que arrastam atrás de si a «massa» passiva. Não sabemos ainda aprender das massas, ouvindo modestamente, colher sua experiência criadora para poder dirigirlas bem: em geral nos esforçamos por tutelar as massas. Segundo pensamos, nossos detritos sectários não consistem apenas em algumas posições políticas de «esquerda», mas decorrem de uma concepção falsa do papel do Partido em relação às massas, concepção que se afasta dos princípios marxistas-leninistas. Essa concepção falsa é que nos levou à «centralização excessiva que nos isola das massas», como diz o camarada Prestes em sua carta ao CC. À substituição crônica e tradicional das organizações de base, «cuja atividade política era sufocada em consequência desses métodos», como constata o projeto de resolução do CC. Nesta concepção falsa das relações entre o Partido e as massas, que se pode resumir na substituição do papel das massas e de sua iniciativa criadora, manifesta-se indubitavelmente a influência dos erros cometidos no PCUS e no movimento comunista mundial, erros que cometiam, como se sabe, a um certo desprezo do papel criador das massas.

No terreno da construção do Partido, ao lado dos êxitos incontestáveis que temos obtido, com o crescimento de nossas fileiras, o reforçamento de sua unidade e a elevação do nível político e ideológico dos militantes, tem ha-

vido em nosso Partido a violação dos princípios leninistas sobre o Partido a que se refere o camarada Prestes em sua carta ao CC. Em nosso Partido vinha sendo infringido em certa medida o princípio leninista do centralismo democrático. Surgiram elementos de burocratismo nos órgãos dirigentes, inclusive no Presidium e no Secretariado do CC, que se tornaram órgãos hipertrofiados e caíram num demasiado afastamento da base do Partido. As restrições que tolham a democracia na vida interna do Partido levaram à sufocação da luta de opiniões e da crítica vinda de baixo. Era violado o princípio leninista da direção coletiva, pois os Comitês não desempenhavam plenamente suas funções de órgãos dirigentes: as funções dos Comitês eram absorvidas na prática por alguns de seus membros que constituíam o Secretariado, ocorrendo este fenômeno mesmo no Comitê Central. Assim se explica o predomínio do autoritarismo nos métodos de direção, defeito justamente condenado no projeto de resolução do CC. Essas violações dos princípios leninistas de organização tiveram como base objetiva a difícil situação de clandestinidade em que vive há longo tempo nosso Partido. A necessidade real de, nos momentos duros, reforçar o centralismo e restringir certas medidas democráticas na vida do Partido, serviu de justificativa para a violação sistemática e arbitrária dos direitos dos militantes, para a implantação dos métodos mandonistas. Claro que as condições de clandestinidade não justificam os erros cometidos. Mas, em nossa opinião, contribuem para explicar porque estes erros foram aceitos no Partido por tanto tempo. Não se poderia, entretanto, explicar esta deformação prolongada dos princípios leninistas de organização em nosso Partido sem levar em conta as concepções ligadas ao culto à personalidade. Estas concepções levavam a sobrepor os dirigentes superiores ao Partido como pessoas intangíveis. As normas dos Estatutos que faziam depender a autoridade dos dirigentes das organizações do Partido e estabeleciam o controle democrático de baixo para cima, embora continuassem formalmente em vigor, não eram observadas. Tais concepções, reinantes no PCUS e em outros Partidos Comunistas, só podiam conduzir à infração do centralismo democrático.

A luta contra estas concepções errôneas exige que se localize suas causas. Elas se encontram, sem dúvida, no próprio processo de desenvolvimento de nosso Partido, nas influências ideológicas pequeno-burguesas que dificultam sua consolidação como um partido marxista-leninista. Basta lembrar a considerável herança do «tenentismo», tendência dos revolucionários pequeno burgueses que buscavam eliminar os males do

regime pela ação aventureira de alguns caudilhos militares, colocados como salvadores acima das massas e sem contar com o seu apoio. Seria impossível, porém, explicar as violações dos princípios marxistas-leninistas ocorridas em nosso Partido sem levar em conta a influência que exerceram entre nós os erros cometidos no PCUS e no movimento comunista mundial. Como aplicávamos aqui, sem o indispensável espírito crítico e criador, todas as concepções e métodos que provinham do PCUS, a concepção do culto à personalidade, com toda a sua seqüela de deformações no centralismo democrático nos métodos de direção nas relações com as massas campeou em nosso Partido.

A razão básica dos erros que cometemos está, portanto, em nós mesmo, na debilidade ideológica e teórica de nossos dirigentes e quadros, no esforço insuficiente que fizemos para dominar os princípios do marxismo-leninismo e uní-los à prática viva da revolução brasileira. Seria inteiramente falso fazer recair a culpa desta situação sobre um ou sobre alguns, porque todos nós fomos portadores dessas concepções errôneas, e as aceitávamos honestamente, convictos de que assim servíamos ao Partido e à revolução. É certo, porém, que a responsabilidade principal por esses erros deve ser atribuída a nós, dirigentes do Partido. E o dever primeiro de aprofundar esta autocrítica cabe aos dirigentes superiores, principalmente aqueles que suportam em seus ombros o maior peso de responsabilidade e de experiência».

Pensamos que esta autocrítica deve ser realizada, por um lado, no sentido de uma revisão ideológica, onde se busque aclarar nossas concepções sobre os problemas em debate, compreender o alcance de nossos erros e a fonte dos mesmos, restaurar em toda a plenitude em nossos pensamentos os princípios marxistas-leninistas; por outro lado, no sentido de corrigir gradualmente, mas de modo decidido, os métodos e normas errôneas que já adquiriram entre nós a força da prática, visando empregar plenamente os métodos e normas do partido marxista-leninista. Não seria possível triunfar na correção dos métodos errôneos se não travássemos ao mesmo tempo a luta ideológica contra as violações dos princípios marxistas-leninistas, contra as concepções errôneas que dão origem a esses métodos. Mas a luta contra as concepções ideológicas falsas seria uma polémica sem consequências práticas se não fosse acompanhada da correção dos métodos e normas inspirados naquelas concepções, os quais prejudicam na prática o Partido. Precisamos fazer autocrítica no pensamento e na ação.

Neste processo autocrítico é necessário não perder de vista a existência do inimigo, seus esforços para minar a unidade de nosso Partido e do movimento comunista mundial. A luta interna só pode ser útil ao Partido e à causa que defendemos quando objetiva a correção dos erros, do ponto

(Conclui na 8ª pág.)

É inquestionável que a discussão que vimos travando em torno das questões inicialmente levantadas no XX Congresso do PCUS apresenta aspectos de maior gravidade para a vida do nosso Partido e para os destinos políticos de nosso povo. Oito meses de expectativa antecederam a publicação do projeto de Resolução provindo do nosso Comitê Central que, mal ou bem, passou a ser o documento nacional de abertura do debate entre nós. A obrigação de cada membro do Partido, dirigente ou não, é estudar as questões suscitadas pelo debate, confrontá-las com a nossa realidade e procurar descobrir as medidas, as providências e os caminhos que nos colocarão no exato nível do momento histórico que estamos vivendo.

I — Os ensinamentos do marxismo-leninismo, sem sombra de dúvida, deverão estar presentes em nossas cabeças. Eles são o nosso guia, eles são o fundo filosófico das nossas concepções da vida, eles são a base do nosso saber. O marxismo-leninismo, além disso, já é hoje uma conquista prática alcançada por decisiva parcela da Humanidade. Ninguém de boa cabeça, é capaz de negar, hoje em dia, que os dias do Capitalismo estão contados e que o futuro pertence, inexoravelmente, às conquistas do socialismo.

II — Uma coisa porém é falarmos em marxismo-leninismo e outra é dominarmos devidamente os seus princípios, e, outra, ainda, sabermos aplicá-los com precisão. Não tenho reservas em proclamar a minha fraca capacitação sobre o marxismo-leninismo. Acredito, mesmo, que tenha em minha vida política emitido muitas opiniões contrárias aos princípios marxistas-leninistas, e, ainda, admito que possa continuar repetindo essas infrações. Com mais de dez anos de atividade prática de relativa intensidade, dando ordens de forma anti-democráticas e cumprindo outras que nada tinham a ver com o marxismo-leninismo, imagino que é do meu dever emitir algumas opiniões sobre questões que estamos debatendo em discussão pública.

III — A mais importante de todas as questões surgidas no decorrer do XX Congresso do PCUS, sem dúvida alguma, foi a do culto à personalidade, uma medalha que tem como verso a negação da democracia interna, o autoritarismo pessoal dos dirigentes, etc. etc. Entre nós, já é pacífico que a nossa direção nacional não provinha da opinião coletiva do C. C. e, sim, da opinião de um grupo mandonista, ocupante do Secretariado, à frente do qual se destaca de maneira muito particular o nosso camarada Diógenes Arruda. Também é pacífico que a maioria do C. C. havia abdicado do seu dever de opinar revolucionariamente para aceitar, talvez com insatisfação, as opiniões e resoluções partidárias do referido grupo mandonista. Do ponto de vista do conjunto do P. esta situação ruínoza se transformava em clima reinante em todo o Partido. O grupo mandonista impunha resoluções e teses e as fazia aceitar pelo Presidium ou pelo C. C. Essas teses ou resoluções, certas ou erradas, acomodadas a realidade brasileira, que, por sua vez, tinha como característica o «jugo crescente do imperialismo norte-americano» e «governo instrumento dos imperialistas americanos». As «opiniões de cima» começavam a baixar e, praticamente, nada ficava reservado ao pensamento criador da massa partidária. Eu nunca estive fora desse processo. Ao contrário, sempre fui dos primeiros a receber e aceitar sem discutir essas opiniões, a não ser para elogiá-las, e, depois, tocava a mim fazê-las descer mais na escala hierárquica da organização. A minha «autoridade» ligada ao clima preexistente sempre facilitara o livre trânsito de tudo quanto vinha de cima. Não há nenhuma dúvida, pois, que me incluo entre os co-responsáveis pelo sufocamento da democracia interna em nosso Partido. Mas, não me considero dos mais responsáveis por uma simples razão: o meu autoritarismo em apreciável parcela advinha da autoridade que justamente ganhei junto aos companheiros de trabalho pelos resultados práticos — muitas vezes de apreciável importância — que eu obtinha no desempenho das minhas tarefas.

IV — Coloca-se para nós, portanto, um primeiro problema: liquidar com o mandonismo em nossas fileiras e inaugurar uma era de verdadeira democracia interna, de democracia proletária. Penso que é por aqui que devemos começar. O Projeto de Resolução anunciou a abertura do debate público e livre. O debate está em curso e as opiniões se sucedem. Em escala mundial a opinião dos comunistas inclinou-se no sentido de considerar insatisfatória a autocritica do C. C. do PCUS no tocante à sua passividade frente às violações da democracia interna e da legalidade socialista. De um modo geral ainda não se compreende bem como foi possível a Stálin cometer tantos erros e violências ao lado de um C. C. e de uma Comissão de Controle tão sábios e experimentados. E, por isso mesmo, prepondera a opinião de que a autocritica do C. C. do PCUS ainda é insuficiente no que se refere à sua co-responsabilidade por aqueles erros e violações.

E, entre nós, há um grupo mandonista no C. C. Esse grupo é responsável por erros e violações da democracia interna? Pelos erros do Programa? Pelo caráter anti-

Democratização e Outros Problemas

JÚLIO TEIXEIRA

cisa ter para abordá-las está a indicar a absoluta necessidade dos nossos dirigentes superiores estarem vivamente presentes ao debate.

E isso, infelizmente, não está acontecendo. Considero, mesmo, que o camarada Agildo Barata constitui uma exceção a essa regra. Emitiu conceitos e apontou medidas. Abordou, enfim, as questões que devem ser abordadas. Entrou, realmente, no debate. E os demais membros do nosso C. C.? Ao que tomei conhecimento escreveram artigo ou artigos sobre a forma como está sendo conduzido o debate e de crítica construtiva a outros artigos, como é o caso do artigo de João Amazonas rebatendo o artigo de Agildo Barata.

Mas, evidentemente, não há nenhuma razão para que essa situação perdure. Se outros camaradas do C. C. estão mais capacitados para desvendar as causas do mandonismo e apontar as medidas que deverão ser adotadas para avançarmos no caminho da democratização, que nos digam o que sobrem se as medidas sugeridas por Agildo são erradas ou impróprias, que nos mostrem quais são as outras medidas que deveremos adotar. Está dito que o debate é público e fala-se até sobre um direito de minorias. Porque, então, negar ao conjunto do Partido a sabedoria dos camaradas mais credenciados?

VIII — Sim entre nós, existem os camaradas que são mais credenciados para estudar as causas de nossos erros e preconizar as soluções mais indicadas. Mais cultura marxista, mais atividades práticas, mais contato com a vida das pessoas do povo, mais vontade de servir à causa da Revolução Brasileira, tudo isso são fatores que nos credenciam mais ou menos para o debate que está na ordem do dia. Penso que no rol dos mais credenciados estão João Amazonas e Agildo Barata. Pelo que escreveram — por sinal com ausência de espírito crítico — verifica-se que o camarada Agildo apresentou ou encaminha algumas medidas para a solução dos problemas que enfrentamos. De outro lado, o nosso camarada Amazonas, não só não emitiu nenhuma opinião concreta no mesmo sentido, como se mostra muito apressado em denunciar o trabalho de Agildo como contrário à unidade do Partido e cheio de erros teóricos e de infrações ao marxismo-leninismo.

Esta situação precisa terminar. Se um camarada como Agildo Barata, membro do Comitê Central, dotado de apreciável cultura e incontestável devotamento ao Partido, que

se acha em plena atividade prática, escreve um artigo evidentemente útil ao debate e ao Partido e por isso é apontado por outro camarada tão creduco quanto ele como revisionista, negador do Partido como organização viva e atuante, infrator do marxismo e indisciplinado, então eu penso que os tempos estão piores que antes de denunciado o mandonismo em nossas fileiras.

O que nos vale e que para nós deve prevalecer o Projeto de Resolução que é de responsabilidade do Comitê Central, e não a concepção que tem do debate o nosso camarada Amazonas. Fica evidente que este nosso caro dirigente ainda está encarcado de mandonismo, a tal ponto que assume uma posição francamente negativista no que se refere ao desenvolvimento do debate. Parece até que o camarada Amazonas teve o propósito mal sio de evitar que as opiniões de Agildo Barata ganhassem adeptos, e, assim, veio a público compromete-las com os comentários que fez e entre os quais se insinua a idéia de que Agildo Barata deverá ser punido por ter quebrado a disciplina. A marcharem as coisas dessa forma, então, precisaremos proclamar a absoluta prevalência do autoritarismo, já que é mais perigoso investigar as questões que nos cabem do que uma criança brincar com explosivos.

IX — Não nos impressionemos com os erros que poderemos cometer no debater as questões que deveremos resolver. Será melhor que não erremos, mas se isso acontecer, paciência. Constatemos o erro, apuremos a sua causa e marchemos para sua correção. Pelo medo de errar, nenhum comunista deve deixar de fazer aquilo que lhe parece ser do interesse do Partido. Não dizer nada, ficar quieto, não dar opinião, ou esperar que os outros a deem, isso não é da nossa maneira de viver. Antigamente era assim, mais ou menos assim. Agora, não. Está inapelavelmente decidido que devemos usar as nossas cabeças.

Precisamos marchar rapidamente para que o nosso Comitê Central reflita o mais perfeitamente possível a opinião do conjunto do nosso Partido. Atuemos como comunistas, organizados, obedientes aos Estatutos e aos direitos que eles nos conferem. Não tenhamos receio de pleitear a mudança ou substituição deste ou daquele dirigente. Isso não é trabalhar contra a unidade do nosso Partido. Muitos e muitos dirigentes comunistas foram e serão substituídos em outros Partidos irmãos precisamente para preservar a vida, a unidade e o prestígio da organização de vanguarda da classe trabalhadora.

Avançemos no debate. É preferível errar debatendo do que não errar por não debater. E não deixemos de lado as nossas tarefas práticas. Nós valem pela soma de serviços prestados ao nosso povo no combate às forças que o oprimem e o exploram. (Transcrito de «A Tribuna», de Porto Alegre).

O REVISIONISMO NA QUESTÃO.

(Conclusão da 6ª pag.)

átomo de socialismo em tudo isto". (Pág. 135).

Vivendo num país que luta contra a opressão imperialista, e desde que a classe operária não pode realizar a sua libertação social, sem antes alcançarmos nossa libertação nacional, apoiamos a luta da burguesia brasileira pelo desenvolvimento econômico do país. Assim sendo, defendemos realizações como a Petrobrás, a Acesita, Vale do Rio Doce, a CHESF, etc. (capitalismo de Estado), como também iniciativas particulares progressistas como a fábrica de alumínio do sr. Ermirio de Moraes, em Sorocaba. Estou de acordo com o camarada A.L.C. quando ele propõe que o proletariado nas empresas de capitalismo de estado lute também pela sua participação na administração dessas empresas, isto porque penso se poder alcançar algumas posições que facilitam a luta da classe operária e de nosso povo e, ainda, como elemento de educação revolucionária das massas. Longe de nós, porém, a ilusão de julgar que nestas empresas existam relações de produção não capitalistas, conforme afirmativa A. L. C. no seu primeiro artigo. Se os argumentos de ordem técnica forem insuficientes basta se conhecer, por exemplo, a situação de quase escravidão dos trabalhadores da Usina de Itutinga, da CEMIG, em Minas Gerais.

Um aspecto positivo, unicamente, existe nos artigos de A.L.C. Ele reside em que resalta a importância do ca-

pitalismo de Estado dentro da realidade brasileira e o seu papel progressista. Uma apreciação correta de nosso desenvolvimento econômico tem que levá-lo em conta cuidadosamente. A pesquisa das causas da utilização, pela burguesia brasileira, desse caminho de desenvolvimento é necessária (por exemplo, a baixa rentabilidade de certos setores, como nos serviços públicos, a insuficiência de capitais privados nacionais nos competirem com o capital financeiro, a compra pelo Estado brasileiro de empréas deficitárias que pertenciam a capitais estrangeiros, etc.). Objetivamente, o que nos importa é que usando do capitalismo de Estado, a burguesia brasileira tem conseguido algumas vitórias sobre o imperialismo em alguns setores, o que antes não era possível, quando só competiam os capitais privados brasileiros com o imperialismo.

Por outro lado, encarando a perspectiva de nossa luta, devemos compreender — e isto já foi visto quando da elaboração do Programa em 1953-54 — que a existência de um capitalismo de Estado desenvolvido no país facilitará a reconstrução socialista de nossa economia. Desde que a classe operária, juntamente com as outras classes e camadas revolucionárias, vá ao poder, existirá um setor estatal que será um ponto de apoio valioso na transformação socialista da economia brasileira.

O artigo acima já estava escrito quando li a opinião

do camarada Horácio Macedo, na «Imprensa Popular» do dia 5 deste mês, a respeito dos artigos de A.L.C. e de meu. Afirma o camarada H.M. que discutimos o problema do capitalismo de Estado de forma escolástica, esgrimindo cada um citações de clássicos e publicistas e não realizando um estudo da realidade concreta.

Da minha parte o que me levou a escrever o artigo que a VOZ publicou foi o seguinte: entendi que as opiniões emitidas por A.L.C. representavam uma evidente revisão de princípios básicos do marxismo. Ora, só podia comprovar minha afirmação indicando o pensamento dos clássicos sobre o assunto. Não há outra forma de se pôr a nu o revisionismo. Por de retrucar o camarada H.M. que era possível e útil, ao mesmo tempo, generalizar sobre a realidade brasileira. O meu objetivo, no entanto, era mais modesto, porque sinto o peso e a responsabilidade de tal tarefa. E não julga o camarada H. M. necessário e útil ao Partido o combate ao revisionismo que surgiu com tanto vigor nos atuais debates?

O engraçado nisto tudo que o camarada H.M. planta com um «regisseur» determinar — por cima da carne seca — vocês deviam discutir desse modo, deviam fazer isto ou aquilo, porém, ele também não faz o que está a exigir dos outros. Não seria mais valiosa a sua ajuda crítica se — ele mesmo — fizesse o que recomenda aos outros?

(Conclusão da 5ª pág.)
 de vista ideológico, e o reforçamento da unidade de nossas fileiras. Qualquer tentativa de encaminhar a luta interna no sentido de ataques pessoais a alguns camaradas, de infrações da disciplina partidária e desmoralização dos órgãos dirigentes, só pode favorecer os imperialistas americanos e seus agentes brasileiros, interessados em debilitar e destruir o Partido que dirige a luta pela emancipação nacional.

A autocrítica séria e profunda que devemos empreender nada tem a ver com o negativismo caminho direto para o revisionismo. Alguns camaradas, desorientados com a revelação dos erros de Stalin e do PCUS, perderam a faculdade de ver as coisas com equilíbrio e passaram a uma apreciação unilateral, extremamente negativista do Partido e do movimento comunista mundial. Vendo apenas os erros, e não os êxitos, esses camaradas chegaram à conclusão evidentemente falsa de que está tudo errado no movimento comunista. Não compreenderam que o culto à personalidade e os males a ele ligados são violações de princípios do Partido e não princípios errôneos em que se baseava o Partido. Para eles, não se trata de corrigir as violações de princípios fundamentais do marxismo-leninismo, restaurando-os em sua plenitude e desenvolvendo-os, e sim de pôr em dúvida ou atacar os próprios princípios. Dal o intuito de demolir tudo, numa posição francamente revisionista.

Alguns companheiros se manifestam contra qualquer limite no debate público dos assuntos do Partido (ou ressaltam apenas as questões que afetam a segurança), indo mesmo a dizer que não pode ser livre um debate realizado à base de certos princípios e sob a direção do Comitê Central. Advogam, assim, a liberdade para a publicação, em nossa imprensa, de artigos anti-soviéticos e antipartidários. Objetivamente, esta atitude leva água ao moinho dos imperialistas e dos seus agentes internos, que procuram por todos os meios fomentar as provocações anti-soviéticas e quebrar a unidade do movimento comunista. Não podemos aceitar tal conceito de liberdade, que nada tem de comum com o conceito comunista e é pró-

prio do liberalismo pequeno-burguês. Foi de todo justa a posição do Comitê Central, aprovando a carta do camarada Prestes e estabelecendo, assim, certas bases para o debate.

Partindo da idéia justa de desenvolver a democracia interna, que era sufocada pelo Partido, esses companheiros caem no grave erro de negar o centralismo, sem o qual não se pode conceber a própria organização do Partido Comunista. A direção centralizada sem a democracia interna leva a autoritarismo e ao burocratismo. As decisões arbitrárias e pessoais dos dirigentes, a separação dos dirigentes da massa do Partido, minando assim a unidade do Partido. A democracia sem direção centralizada conduz a que membros do Partido atuem somente de acordo com suas opiniões individuais sem ter em conta os interesses do Partido como um todo, leva ao enfraquecimento da disciplina partidária, socavando também a unidade do Partido. Ao lutar contra as violações da democracia interna, não nos devemos opor ao centralismo, mas sim exigir que se estabeleça plenamente o centralismo democrático: o centralismo à base da democracia e a democracia sob direção centralizada. Não saímos de um erro para cair em outro.

Esta tendência revisionista se revela ainda em relação a outros problemas fundamentais. O caráter e o papel do Partido Comunista, o internacionalismo proletário, a questão da hegemonia do proletariado, nossa posição em face da burguesia, etc — mas não nos deteremos agora nestas questões.

Ao se lançarem contra princípios fundamentais do marxismo-leninismo, esses camaradas empunham a bandeira da cruzada contra o dogmatismo, contra o subjetivismo. Afirmam que é necessário remover todas as «verdades eternas» aceitas até agora como dogmas, repudiam com horror toda e qualquer «última palavra». Sem dúvida, o dogmatismo pesava em nossas fileiras, e a luta contra o modo de pensar subjetivista está na ordem do dia. Mas tudo indica que estes camaradas, tendo passado dos limites na luta contra o subjetivismo, acabam voltando a incorrer no mesmo mal. Os princípios fundamentais do marxismo-

leninismo são verdades objetivas, são um reflexo justo em nossa consciência da realidade objetiva. Representam a generalização científica da experiência do movimento operário mundial durante mais de um século. Ao tentar submeter a uma revisão, partindo de sua experiência limitada, os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, ao pôr em dúvida a verdade universal do marxismo-leninismo a pretexto de combater a «última palavra», estes camaradas caem na posição do empirismo, do relativismo e, portanto, do subjetivismo. Quando alguns camaradas se insurgem contra o centralismo no Partido, pregando uma democracia interna restrita e sem direção centralizada, desprezam toda a experiência histórica e atual, põem de lado a prática do movimento comunista de todos os países, inclusive de nosso país, que comprova a necessidade de centralismo para assegurar a unidade e a disciplina partidária, sem as quais não há Partido Comunista. Não pode haver atitude mais subjetivista e falsa.

A posição desses camaradas, se levada até suas últimas consequências, só pode desembocar no nihilismo em relação aos princípios, na negação do próprio marxismo-leninismo e, portanto, do Partido Comunista. O que estava errado nas concepções ligadas ao culto à personalidade não eram os princípios marxistas-leninistas. O erro estava precisamente na violação destes princípios.

Por outro lado, é indispensável compreender que os nossos erros iam até a violação de princípios do marxismo-leninismo, sem o que a correção desses erros não pode ser profunda. Acharmos que seria adotar uma posição de reconhecimento superficial dos erros admitir apenas a existência de erros nos «métodos», o que reduziria o processo autocrítico a uma correção dos métodos. Isto seria combater o efeito deixando intacta a causa. Os métodos são os meios que usamos para pôr em prática nossas idéias e concepções, são o caminho que seguimos na ação para realizar nossos pensamentos. Se cometemos erros em questões de princípio, se temos concepções erradas no terreno ideológico e político, se as idéias que formamos das coisas não correspondem à realidade, os métodos que usamos para levar estas idéias à prática também não serão adequados. Querer limitar os graves erros que cometemos a uma questão de métodos seria não compreender que por trás dos métodos falsos há concepções ideológicas falsas profundamente arraigadas, erros sérios em questões de princípio. Será possível eliminar os métodos autoritários, o mandonismo dos dirigentes, sem corrigir uma concepção errônea do centralismo democrático, que consistia na sufocação da luta de opiniões e da democracia interna? Será possível acabar com os métodos sectários que empregamos no trabalho de massas sem extrair pela raiz a concepção falsa das relações entre o Partido e as massas, certa subestimação pelo papel das massas?

Além disso, o esforço para a correção dos erros implica em que aceitemos a plena responsabilidade pelos erros cometidos. É certo que, do ponto de vista marxista, não há pessoas infalíveis. O conhecimento da realidade pelo homem é sempre limitado e sujeito a erros, e por

isso são naturais certas falhas na atuação dos partidos e dos dirigentes comunistas, mesmo quando armados da ciência marxista-leninista. Esses erros inevitáveis são erros parciais, temporários, que não chegam a tomar o aspecto de erros gerais e duradouros se a direção do Partido, baseando-se nos princípios do socialismo científico, corrigi-los a tempo. Erros deste tipo temos cometido e corrigido em várias ocasiões. Mas os erros que estão sendo focalizados no atual debate não são, no essencial, erros parciais e temporários. São erros de princípios, que tomaram um caráter geral e duradouro no Partido. Tais erros podiam ser evitados se tivéssemos seguido os princípios do marxismo-leninismo e procurado desenvolvê-los nas condições de nosso país. A teoria marxista-leninista é uma ciência e se aplicada em ligação viva com a prática, dá-nos todas as possibilidades para evitar os erros graves e prolongados.

Creemos que o nosso dever é fazer autocrítica franca e profunda. Devemos reconhecer que, ao lado do muito que todos nós — dirigentes e militantes do Partido — fizemos de positivo, cometemos também graves erros. Descubramos a gravidade do esforço coletivo, da crítica e do debate, as raízes desses erros. Elaboremos as medidas concretas para corrigi-los.

Autocrítica, mas não — como pretendem alguns — renegando os princípios provados do marxismo-leninismo, e sim voltando a eles e desenvolvendo-os nas condições de nosso país. Não com o negativismo do desespero, mas com a serenidade confiante dos que creem na verdade de nossa causa. Não descrendo do Partido e de sua capacidade e encontrando o caminho certo, mas confiando no Partido e com o Partido.

(Conclusão da 6ª pág.)
 Os erros foram inevitáveis, ou de que todos estão sujeitos a erros, ou sob qualquer outro pretexto. «A verdadeira dialética — dizia Lênin — não justifica os erros pessoais; trata das mudanças imprescindíveis, demonstrando sua inevitabilidade à base do estudo mais detalhado de todos os seus aspectos concretos. O princípio fundamental da dialética é: não há verdades abstratas, a verdade é sempre concreta... E tão pouco deve-se confundir esta grande dialética hegeliana com a vulgar sabedoria do senso comum expressa pelo provérbio italiano: «mettere la coda dove non va il capo» (meter o rabo onde não cabe a cabeça)». E Lênin não vacilou, como agora o sabemos pela publicação de seu famoso Testamento em criticar duramente Stalin — cujos grandes méritos era o primeiro a reconhecer — e propor ao XII Congresso do Partido a substituição

deste no posto de secretário-geral, sem que ninguém pudesse acusá-lo de «atacar» Stalin, ou de «travar luta aberta contra a direção do Partido e «contra a unidade partidária».

Penso que alguns camaradas dirigentes estão cometendo aquele erro a que se referia o camarada João Amazonas, nas palavras citadas em epígrafe: temem a crítica e a autocrítica, julgam que esta viria desprestigiar-los ante o Partido «isto significa — dizia, na época, Amazonas — que ainda não se apossou de todo o Partido a compreensão de que, para avançar e progredir, temos que utilizar a crítica e a autocrítica e a autocrítica como o mais eficiente método para o aprimoramento da atividade do Partido». Não há dúvida de que agora mais do que nunca, essa compreensão deve apossar-se de todo o Partido. E re-apossar-se do camarada Amazonas.

O SECTARISMO NO...

(Conclusão da 9ª pág.)
 Estejam as massas ou não. Só nos servem organismos em que nos seja fácil trabalhar, em que todos concordem conosco, em que todos sigam as nossas pegadas. Para o mandonista, para o oportunista que não quer pensar nem trabalhar com as massas, tais organismos é que são bons. Ali ele é ouvido em silêncio, suas palavras são acaçadas por aclamação e tudo corre feliz, límpido, como às águas no riacho. Precisamos de líderes? Então, A ou B, por nossa determinação, passa a ser dirigente nacional ou internacional, passa a falar em «nome» do movimento sindical, em «nome» dos sindicalizados.

É gostoso, bom mesmo, esse método de trabalho carreirista, embora ele em nada contribua para a unidade

de dos trabalhadores, em nada ele contribua para o avanço do movimento sindical. É mais fácil para o oportunista assim atuar do que ter de lutar e ganhar prestígio junto aos trabalhadores, através de uma militância ativa nos sindicatos existentes, por meio de sua ação diária, pela sua capacidade e pelo seu trabalho prático.

É, isto, em toda a sua extensão, em toda a sua grandeza que ainda não estamos compreendendo e ainda não estamos vendo em prática. Razão dos desvios oportunistas e a tendência aberta e velada de muitos quadros e organismos em resistir a atuar em toda e qualquer entidade sindical, por maiores que sejam as dificuldades opostas às suas atividades e por mais reacionários que sejam os seus dirigentes.

MARX e ENGELS

Obras Escolhidas

Vol. I

A Venda nas Livrarias Editorial Vitória, 1957

LEIA

QUE É O STALINISMO?

COLETÂNEA DE IMPORTANTES DOCUMENTOS SOBRE O CULTO À PERSONALIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS

— A Venda nas Livrarias Editorial Vitória 1956

UNIDOS EM SEU SINDICATO CONQUISTARAM A JORNADA DE 6 HORAS OS OPERÁRIOS DO CADEM

PÉSSIMAS CONDIÇÕES DE TRABALHO NAS MINAS DE SÃO JERÔNIMO — O SALÁRIO-MÍNIMO FOI UTILIZADO PARA REDUZIR OS SALÁRIOS — FORTALECENDO SUA ORGANIZAÇÃO E UNIÃO, OS MINEIROS OBTIVERAM ÊXITO

SÃO JERÔNIMO, 18/8 (De Antero Almeida, especial para a VOZ) — Importante vitória foi conquistada pelos mineiros do CADEM (Consórcio Administrador de Empresas de Mineração), nesta cidade, depois de longos e penosos anos de sofrimentos e exploração. Reforçando o seu sindicato e unindo-se ali, os mineiros encontraram a arma indispensável da organização para lutar pela melhoria de suas condições de trabalho e conquistar êxito nessa luta.

PÉSSIMAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Nas minas do CADEM, tradicionalmente, imperaram as piores e mais humilhantes condições de trabalho. Por isso, a abertura de um novo poço, na época de alto aperfeiçoamento da técnica, despertou geral interesse. Os mineiros, cansados dos brutais métodos antigos, viram a Cia. abrir o poço, viram também o dr. Sival voltado dos Estados Unidos falando em grandes projetos de mineração mecanizada e "na boa vida dos mineiros norte-americanos". E viram ainda — na inauguração do poço — o governador Meneghetti, o vigário das minas e outras autoridades e artistas afirmarem que o poço era uma obra altamente progressista. Mas, não há como um dia atrás do outro...

INTENSIFICADA A EXPLORAÇÃO

Quando começou a funcionar o novo poço, a Cia. forçou operários a assinarem um contrato de trabalho de oito horas diárias. Uns assinaram "de livre e espontânea vontade", outros não assinaram, mas foram obrigados a trabalhar as oito horas e os demais ficaram o pé no contrato de seis horas, procurando, com seu exemplo, manter aberto o caminho para o retorno ao regime de seis horas para todos.

Intensificou-se a exploração dos mineiros e pioraram as condições de trabalho, o que levou os operários a iniciarem um movimento em prol de seus direitos e reivindicações. Começaram a surgir renúncias ao contrato de oito horas e a crescer a campanha dos mineiros, diante do que o CADEM aceitou em pagar o salário-mínimo. No entanto, isso não passava de uma manobra para baixar os salários (fuzadores, tocadores e madeireiros — que são a chave da extração — tiveram seus salários reduzidos de Cr\$ 5.000,00 e mais para Cr\$ 3.000,00 e Cr\$ 4.000,00).

PRODUTIVIDADE E BAIXOS SALÁRIOS

Depois da manobra da Cia., a produção caiu em quase dois terços. Tiveram início, então, as tentativas para o aumento da produtividade, através de ameaças, suspensões, insultos e promessas. A pretexto de "punição por baixa produção", foram aplicadas suspensões que variavam de um dia até 30 dias num só mês, além de remoções de operários idosos para os serviços mais duros. Os funcionários do CADEM, Oronte Petinel Filho, José Rocha e Mário destacaram-se pelas ameaças e espionagem contra os mineiros.

Por outro lado, a direção do Sindicato dos mineiros, sem contar com o apoio firme dos operários e prejudicada pela ausência dos trabalhadores da charqueada nas assembleias, não soube escolher o melhor caminho (anulação da prorrogação de 6 para 8 horas através do Ministério do Trabalho) e falhou em sua tentativa através da justiça.

UNIDADE NO SINDICATO E VITÓRIA

Receando que os mineiros da charqueada não acatassem uma decisão de maior envergadura, a direção da entidade sindical apelou para a vinda da Comissão de Higieneação do Ministério do Trabalho. Os mineiros, no entanto,

fizeram listas para a convocação de assembleias, coletaram assinaturas e, em comissão, pediram a reunião, que foi marcada para o último dia 4.

A assembleia compareceram mais de 500 operários, que — por proposta da mesa — deliberaram não mais trabalhar 8 horas a partir do dia seguinte. E dois dias depois, a Cia. foi forçada a atender a reivindicação dos operários e mandou anular as suspensões. Estava conquistada uma vitória de importância decisiva para o ulterior reforçamento da unidade entre os trabalhadores e de sua organização sindical. Os dirigentes do Sindicato que comandaram a luta, na ausência do presidente (em viagem para o Rio, a serviço da entidade) revelaram-se à altura do seu posto e restabeleceram a confiança entre os operários e a direção de sua organização. E isto é importante, pois a luta prossegue e a Cia. continua a suspender mineiros por "baixa produção". Por sua vez, estes começam a preparar-se para conseguir o reajustamento dos salários, a próxima meta a ser atingida com a união de todos.



CNTI PATROCINARÁ O CONGRESSO DOS TRABALHADORES FLUMINENSES

CERCA de setenta sindicatos participaram do Congresso dos Trabalhadores Fluminenses, a realizar-se em Petrópolis (primeira quinzena de abril próximo) sob o patrocínio da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria. O Congresso, convocado por iniciativa dos operários petropolitanos, contará com o apoio e a participação de todas as federações sindicais sediadas no Estado de Rio e Distrito Federal: federações dos trabalhadores nas indústrias metalúrgica, fia-

ção e tecelagem, construção civil, vestuário, alimentação gráficas, dos empregados em hotéis e rodoviários.

Os delegados ao conclave serão eleitos pelos municípios onde há indústria e estabelecimentos comerciais: Petrópolis, Campos, Niterói, Volta Redonda, Barra Mansa, Barra do Piraí, Magé, Nova Iguaçu, Caxias, Cabo Frio, Friburgo e Angra dos Reis. Os congressistas representarão os diversos ramos industriais e comércio fluminenses.

O TEMÁRIO

O temário proposto inclui problemas de grande importância: previdência social, aplicação e reforma da legislação social, melhoria dos salários (com salário-família e escala móvel), liberdade sindical e direito de greve, defesa da indústria nacional, contenção de preços e melhoria de abastecimento, medidas de reforma agrária. Ao lado destas questões serão examinadas outras, relacionadas com o fortalecimento dos sindicatos. A necessidade de fortalecer o movimento sindical é particularmente sentida pelos trabalhadores fluminenses e a compreensão desse problema determinará, sem dúvida, que seja o mesmo abordado no Congresso de abril próximo.

UNIDADE

A unidade em torno dos interesses dos trabalhadores será a primeira característica do Congresso e está no centro de sua preparação. Pela primeira vez um conclave dessa natureza — diretamente organizado pelos sindicatos — conta com o apoio das Confederações e Federações. O conclave terá, sem dúvida, ampla repercussão no seio do movimento sindical brasileiro.

MUITO temos falado em sectarismo no movimento sindical, porém, ainda não fomos capazes de localizá-lo em todos os seus ângulos, ainda não fomos capazes de superá-lo em todas as suas manifestações.

Para lutarmos contra o sectarismo temos que conhecê-lo como se apresenta em nossas fileiras, como ele se manifesta em nossas cabeças, como ele se reflete em nossas ações. Em caso contrário, ficamos a chover no molhado, a repetirmos frases feitas para o nosso próprio uso, e pouco avançaremos na unidade da classe operária, na unidade do movimento sindical.

Já de muito estabeleceu-se para todo o Partido, para todos os seus membros uma atuação nos sindicatos existentes, uma participação ativa no movimento sindical estruturado no país e a liquidação dos organismos paralelos. Entretanto, o que se verifica é que esta linha de atuação traçada durante todo esse tempo, não foi compreendida por todos nós e daí, a sua aplicação vacilante e falsa em determinados setores e em determinados lugares.

O SECTARISMO NO TRABALHO SINDICAL

AGOSTINHO DE CARVALHO

Lenin, em 1920, dirigindo-se ao Partido Socialista Francês, assim se expressava frente às manifestações sectárias ali manifestadas no movimento operário: «Somos contra a saída dos revolucionários e dos comunistas dos sindicatos, mesmo no caso em que estes últimos tenham ainda a infelicidade de seguir Legien e Jouhaux». (As aspas são nossas).

Estas palavras de Lenin ainda, hoje, nos servem de guia e ação para as nossas atividades no movimento sindical brasileiro. Creio que o maior sectarismo em nossas fileiras está na resistência velada e, em certos casos, ostensiva, de muitos companheiros e organismos, em não querer atuar nas entidades sindicais existentes, procurando formulas e teses para justificar essa falsa posição, esse alheamento em nossa atividade sindical.

Isto é uma manifestação oportunista, uma manifestação contrária aos interesses do proletariado, aos interesses do movimento sindical. No fundo fugimos ao trabalho vivo, ao trabalho de per-

suasão, ao trabalho de conquistar as massas num processo de atividade junto a elas e como muito bem diz, ainda, Lenin: «para saber ajudar a «massa», para ganhar a sua simpatia, sua adesão e apoio, é preciso não temer as dificuldades, as ras-teiras, os insultos, os ataques, as ofensas, as perseguições dos «chefes» (que, oportunistas e social-chovinistas, estão na maior parte dos casos em relação direta ou indireta com a burguesia e a polícia) e «trabalhar» obrigatoriamente «nos lugares onde a massa está». (A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo — Edição — Vitória — 1946 — Página 51).

E' isto, infelizmente, que muitos companheiros não compreendem. Confundem os dirigentes reacionários, patronais, com as massas sindicalizadas, com os organismos sindicais. E, então, é muito mais fácil ficar de fora, arrojando valentia, dizendo desaforos a tais dirigentes e a tais organismos do que ir lá para dentro, conquistar palmo a palmo

posição, defender as massas da influência perniciosa dos líderes traidores.

Na mentalidade dessa gente o subjetivismo pulula como cogumelo em pau podre. Eles queriam que no regime capitalista, no regime semi-feudal como o nosso, existissem somente organismos «puros» e que as classes dominantes nos deixassem livre o campo de atuação junto à classe operária. Queriam que todos pensassem como nós, todos caminhassem como nós, não levando em conta que muito embora no fundamental, a classe operária no Brasil sofra os mesmos métodos de exploração ela é um agrupamento diferente em sua maneira de pensar, de viver, em suas idéias, religião, etc.

Para esses camaradas a luta de classe continua em suas cabeças de modo idealista, não compreendendo que ela se manifesta em toda vida nacional, em todo o escalão da vida humana.

«Lenin lutou sem quartel contra os elementos que pre-

teíam diminuir o papel das organizações operárias legais, contra aqueles que durante o período de reação, advogavam permanecer à margem das organizações operárias legais, contra os que se negavam a utilizar certas possibilidades de ação que ainda restavam: a «educa» do Estado, as caixas de seguro contra enfermidades, os sindicatos, os clubes e outras instituições culturais que haviam ficado indenes». (Lenin e os Sindicatos — Artigo de A. Yusefovich).

Para situarmos a importância dos sindicatos, a preocupação que deles têm os grandes revolucionários e, também, os imperialistas, os capitalistas, nunca é demais acentuar estas palavras de Winston Churchill ao considerar o sindicalismo britânico «um grande estado do domínio», um quinto Estado no dizer de um outro dos grandes lordes britânicos, ao dividir a comunidade: Lordes Temporais, Lordes Espirituais, os Comuns, a Imprensa e os Sindicatos.

E, se olharmos para o nosso país, principalmente a partir de 1930, iremos ver com que carinho as classes dominantes se voltaram para as entidades sindicais, com que carinho Getúlio Vargas procurava assentar sua influência nos sindicatos e nas massas sindicalizadas e, ainda, agora, procuram fazer as diferentes correntes políticas da burguesia.

Essa pouca ou nenhuma importância que em nosso meio, determinados companheiros ou determinados organismos dão ao sindicalismo, no fundamental, é porque não entenderam que as massas é quem tudo resolvem, é elas que fazem a história. No fundo está, também, o culto à personalidade, ao herói, ao homem providencial que tudo decide por cima das massas e mesmo sem as próprias massas.

Infelizmente ainda confundimos a hegemonia do proletariado com a hegemonia do Partido, sem compreendermos que uma e outra se completam. E por confundirmos isto, toda a nossa preocupação é termos organismos «puros», sob o nosso absoluto controle, pouco nos importando que dentro deles

(Conclui na 8ª pág.)

Realizada em Natal a I Convenção Contra a Carestia

Programa Unitário de Combate à Carestia da Vida no R. G. do Norte

VOZ dos Leitores

CONTRA A ENTREGA DE FERNANDO DE NORONHA

De numerosos municípios brasileiros estamos recebendo mensagens patrióticas contra o atentado à soberania nacional cometido pelo sr. Kubitschek, ao entregar a ilha de Fernando de Noronha aos militaristas ianques. Entre essas manifestações, destacamos as seguintes:

Do sr. Adolpho Cunha, de Corumbá (M. Grosso), recebemos:

«Foram enviados dois abaixo-assinados desta cidade contra a entrega de Fernando de Noronha aos norte-americanos, um com 29 assinaturas endereçado ao presidente Kubitschek e o outro, com 32 firmas, ao ministro Teixeira Lott.

Em ambos os documentos, os signatários manifestam-se contrários à cessão «a fim de resguardar a soberania nacional e impedir que o Brasil se envolva futuramente em guerras». Outro abaixo-assinado será enviado, brevemente, ao presidente do Congresso Nacional».

mente, ao presidente do Congresso Nacional».

Em João Pessoa

Do sr. Anastácio Assunção, de João Pessoa, recebemos: «Os patriotas de João Pessoa estão intensificando a luta contra a cessão de Fernando de Noronha para a instalação de uma base norte-americana. Assim, foi enviado um telegrama ao deputado Rafael Correia de Oliveira, assinado por 40 funcionários federais, no sentido de que ele lute junto aos demais parlamentares pela anulação do acordo de entrega da ilha.

Operários de Jundiapéba

Jundiapéba, SP (Do correspondente) — Foi enviado ao sr. Kubitschek um abaixo-assinado, firmado por 43 operários da Companhia Suzano de Papel Celulose, protestando contra a entrega da ilha de Fernando de Noronha aos norte-americanos. Depois de referir-se ao «perigo que acarreta ao nosso querido Brasil a construção de bases militares norte-americanas e estações de foguetes teleguiados», os signatários reclamam a audiência do Congresso Nacional sobre o assunto e a revogação do ajuste entreguista.

VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável
Aydamo do Couto

Ferraz

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

ASSINATURAS:

Anual	100.00
Semestral	60.00
Trimestral	30.00
Núm. avulso	2.00
Núm. atrasado	2.00
Aérea ou sob registro, despesas à parte: Preço no R. G. Sul, Sta. Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, E. Santo e Belo Horizonte	2.00
Goiás e interior de Amazonas e Territórios	4.00
Outros Estados	3.00
M. Gerais	2.50

SUCURSAIS:

SAO PAULO — Rua dos Estudantes n° 84 s/ 28, 2º and. — Tel. 37-4983
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, n° 66, s/ 43.
RECIFE — Rua Floriano Peixoto n° 85 — 3º and. — s/ 326.
FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, n° 1.248 — s/ 22 — Tel. 1-13-03.
SALVADOR — Rua Barão de Cotegipe, 67 — Edifício Zacarias, s/ 203 (Calçada).
JOAO PESSOA — Rua Duque de Caxias, 558 — 1º and. — Salas 3 e 4.



Aumenta a Miséria Onde Penetra o Latifúndio

Do sr. João Marcelino Nogueira, de Morro Agudo (SP), recebemos carta que vai a seguir resumida:

«A situação neste município está cada vez pior para os trabalhadores rurais, que constituem a maioria da população. A fome está presente em todas as casas dos lavradores e crianças morrem à mingua. O ordenado médio que pagam aqui é de 50 ou 60 cruzeiros por dia, o que é um desrespeito à lei do salário-mínimo.

Relatando essa situação e reclamando providências, foram enviados dois abaixo-assinados, ao presidente da República e ao governador do Estado, com mais de trezentas assinaturas. Uma comissão de quase trinta pessoas, igualmente, levou um memorial semelhante ao prefeito municipal, que prometeu providências até o dia 25 de janeiro.

Os latifundiários e pecuaristas estão formando pastos para criação de gado com as melhores terras de cultura, o que concorrerá para maior empobrecimento do povo de Morro Agudo».

Posta Restante

JUNDIAPEBA (S.P.) — Carta do correspondente da VOZ sobre um operário da Cia. Suzano de Papel Celulose, que ficou 5 meses em tratamento no IAPI e não recebeu nenhum salário durante este período.

RIO (D. F.) — Carta do operário Eclio Lima, do Distrito Federal, com considerações gerais sobre o governo do sr. Juscelino Kubitschek.

CONTANDO com a participação e o apoio de numerosas entidades sindicais e outras organizações populares, foi recentemente realizado em Natal (Rio Grande do Norte) a I Convenção Estadual Contra a Carestia. O conclave, reunido por iniciativa da Liga Norte Rio-grandense Contra a Carestia, examinou o grave problema criado com a elevação vertical do custo da vida e considerou diversas medidas específicas para sua solução, assim como encaminhou no mesmo sentido diversas recomendações e moções aos poderes constituídos.

A CARTA ECONÔMICA DA CNTI

Em manifesto aprovado pela Convenção, esta destaca que as populações do R. G. do Norte se encontram «numa situação verdadeiramente desesperadora, diante da qual não apenas os trabalhadores, mas igualmente todos aqueles que vivem de rendas fixas, já não podem ter a certeza da subsistência de suas famílias» e reclamam dos governantes «medidas imediatas e enérgicas em defesa das camadas populares; tão sacrificadas pela criminosa e ininterrupta elevação dos preços». Diante de tal situação, a I Convenção apresentou a seguinte resolução:

1º) A recente Carta Econômica apresentada ao país pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria merece o apoio não apenas dos Sindicatos, mas de todos os brasileiros, pois os princípios ali estabelecidos são de interesse de todo o povo. A Convenção, apoiando a Carta Econômica da CNTI, apela aos poderes públicos para que atendam aos diversos itens da referida Carta e que são a) Contenção dos preços; b) Reajustamento geral e imediato de salários; c) Salário móvel; d) Estímulo ao desenvolvimento industrial; e) Reforma agrária.

O COOPERATIVISMO

2º) O cooperativismo é um dos meios mais eficientes de combate à carestia. Na Suécia, o cooperativismo quebrou os monopólios e escorçoçou os trustes. Deve-se realizar um movimento para organização da Federação das Cooperativas de Consumo do Rio Grande do Norte, a fim de que o volume das compras de gêneros nas fontes de produção permita preços mais reduzidos. Na Liga Norte Rio-grandense Contra a Carestia deve-se organizar uma Comissão de Relações Cooperativas. Que desenvolva trabalho junto aos Sindicatos de classe para a fundação de suas cooperativas. E que se apoie, de maneira particular, a Cooperativa de Crédito e Consumo de Natal, que já está funcionando com muito êxito.

FUNDO DA MARINHA MERCANTE

3º) O transporte marítimo se apresenta no Brasil como o de fretes mais baratos. Tanto assim que um quilo de mercadoria de São Paulo a Natal, via rodoviária, custa em média oito cruzeiros, enquanto que via marítima este quilo de mercadoria, da mesma distância, custa apenas um cruzeiro e vinte centavos. E um quilo de mercadoria via aérea de Natal ao Rio paga 16 cruzeiros.

O transporte marítimo para grandes quantidades de gêneros alimentícios é o de melhor condição. Por isso, devemos apoiar a iniciativa do Presidente da República pela criação do Fundo Nacional da Marinha Mercante, apelando ao Chefe do Governo para que, ao invés da anunciada compra de porta-aviões, com o dinheiro a esse fim destinado adquira navios mercantes. Deve-se iniciar uma campanha para que seja aumentado o número de navios de cabotagem com escala em Natal e demais portos de nosso Estado.

TERRA AOS AGRICULTORES

4º) É de suma importância para a vida nacional que o governo facilite a distribuição de terras aos pequenos agricultores, principalmente os que têm famílias numerosas, facilitando o seu desenvolvimento agrário e protegendo-os contra a ganância dos poderosos.

A Convenção dirigirá um manifesto ao Presidente da República, fazendo sentir a urgente necessidade do envio de mensagem ao Congresso Nacional visando a regulamentação dos artigos 146 e 147 da Constituição Federal, estabelecendo um prazo, não muito longo, para que os grandes proprietários cultivem as suas terras, em benefício do bem-estar social. Findo este prazo, sem que tal exigência tenha sido satisfeita, ficarão as terras consideradas de utilidade pública para serem postas à disposição de pequenos agricultores que outras terras não possuam. As terras assim desapropriadas passarão para o domínio da União e se destinarão exclusivamente ao cultivo dos cereais que constituem a alimentação básica do povo.

PESCA E TRANSPORTE

5º) A pesca mecanizada poderá oferecer produção capaz de concorrer para o barateamento do custo de vida. Natal já conta com um entreposto de pesca, em vias de conclusão, com capacidade para armazenar 30 toneladas de pescado e produzir sete mil quilos diários de gelo. Deve, portanto, o governo federal, destinar para Natal pelo menos um navio pesqueiro. O governo, ao invés de admitir a vinda de barcos japoneses para o Rio Grande do Norte, deve proporcionar embarcações modernas às colônias de pesca, devendo os pescadores rio-grandenses do norte participar das tripulações para aprendizagem.

6º) Sendo muito caro o transporte urbano em Natal, deve-se pleitear junto à Estrada de Ferro Sampaio Correia a organização de uma linha de trem de subúrbio, ligando Natal a Parnamirim, com paradas intermediárias na Guarita, São Sebastião, Cruzamento da Av. 5 com Av. 12 e na Colônia São Francisco de Assis».

Greve Contra o Cinema de Birigui

BIRIGUI, SP (De Alcides Perez para a VOZ) Terminado o prazo dado pela comissão dirigente, reiniciou-se a greve contra a «Empresa Teatral Peduti», nesta cidade. O movimento de boicote empolgou a população local (como se pode ver na foto), que reivindica a melhoria das péssimas instalações e da obsoleta aparelhagem de projeção, assim como da programação (os filmes chegam com grande atraso e em pedaços, além da maioria se constituir de autênticos «abocados»).

Necessário outro cinema

Levando em consideração as demais cidades da redondeza, Birigui é a única que não conta com uma casa de espetáculos à altura de suas necessidades. Como há anos o sr. Peduti explora esse ramo de diversão na cidade, esperava-se que ele atendesse às justas reclamações da população. Mas, como isso não se deu, caminhamos para a primeira semana de greve, da qual participa toda a cidade, unida na luta para uma solução justa do problema.



Previsões de Crise na Economia Norte-Americana?

ACUMULAM-SE, NOVAMENTE, OS SINAIS DE UMA DEPRESSÃO NO MOMENTO MESMO EM QUE SE FALA DE UM "AUGE" NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO — A CORRIDA ARMAMENTISTA O PRINCIPAL "ESTÍMULO" AO AUMENTO DA PRODUÇÃO — PORQUE A TENTATIVA DESESPERADA DE UM RETORNO AO CLIMA DA GUERRA FRIA

Discursando no mês passado perante uma reunião de homens de negócios norte-americanos, o sr. Herbert Hoover declarava que seus cabelos já se tinham eriçado com o "crack" de 1929 e que tinha, agora, "o presentimento" de que voltariam a eriçar-se, talvez ainda este ano. Era a afirmação de alguém autorizado (mr. Hoover fora o presidente dos EE. UU. em cujo governo estourou a crise de 1929), de que as coisas, na economia norte-americana, não marcham segundo a versão dos propagandistas da "firmeza" do "novo capitalismo" que estaria se desenvolvendo na América do Norte. A palavra de mr. Hoover era tão autorizada, que logo se verificou uma queda geral das ações na Bolsa de Wall Street.

Pois bem, os receios manifestados por mr. Hoover e outros financeiros, homens de negócios e economistas norte-americanos de uma depressão neste ano nos revelam um dos principais mecanismos que empurram o governo de Eisenhower pelo caminho do retorno à guerra fria e de uma intensificação, ainda maior, da corrida armamentista, assim como da pressão sobre outros povos para enquadrá-los nos dispositivos de guerra do Pentágono.

O artigo de Josef Norton, que a seguir transcrevemos, embora escrito no início deste ano, fornece uma série de dados valiosos para a compreensão dos temores dos magnatas norte-americanos e da política que eles seguem diante da atual conjuntura econômica.

"Durante os últimos dois anos a economia americana experimentou bastante nervosismo, no sentido de uma linha rigidamente tensa, esticada, da inflação para a depressão. Não há nenhum motivo para supor-se que os círculos comerciais não se choquem, no próximo ano, contra várias dificuldades. É muito provável que essas dificuldades sejam mais do que suficientes".

Esta foi a previsão para o ano novo — 1957 — de uma das principais revistas dos círculos americanos de negócios, — "The magazin of Wall Street". Essa opinião é confirmada in totum por outros órgãos bem informados da imprensa especializada dos Estados Unidos.

A insegurança e a intranquilidade, expressas pela revista "The Magazin of Wall Street", abrangem todas as camadas da população. Essa revista expressa o temor dos grupos monopolistas, temerosos de que a tendência atual no desenvolvimento da economia possa acarretar no ano próximo uma redução da atividade comercial e, por conseguinte, a diminuição dos lucros dos monopolistas.

Assim, no período de "florescimento" relativo observa-se a falta de certeza quanto ao dia de amanhã. O caráter limitado e instável do "florescimento atual", a existência de fenômenos de crises em certos setores da indústria americana, e também a existência das chamadas "regiões vitimas da depressão" e dos "centros de desemprego" — são alguns fatos que levam muitos americanos conservadores a duvidar da solidez da situação econômica do país e a considerar com desconfiança as lendas tecidas em torno do capitalismo em eterno florescimento.

Dados e Cifras Sobre a Economia Americana

Realmente, apesar das afirmações bombásticas a respeito do "boom" sem precedentes, o aumento da produção na indústria americana foi muito insignificante em 1956. Já agora se torna claro que o aumento total da produção em 1956 não passará de 2,5% em comparação com o ano passado. Em fins de 1955 o índice da produção industrial, calculada pelo Conselho da Administração Federal de Reserva foi de 144 (1947-1949 = 100). Durante os primeiros oito meses deste ano o índice caiu ligeiramente, e somente nos meses do outono elevou-se acima do nível alcançado em dezembro do ano anterior, chegando a 147 em novembro. Assim, durante este ano ocorreu um aumento gradual e incerto, após a depressão econômica de 1953-54. Durante os primeiros onze meses do ano corrente o índice mensal da produção, segundo os dados da Administração Federal de Reserva, foi em média de 142, em comparação com 139 no ano passado.

Além disso, a restauração ao nível da produção industrial ao ano passado, ocorreu de maneira extremamente desigual e particular.

Durante essa "restauração" vários e importantes setores da indústria sofreram em virtude de fenômenos que, em seu conjunto, podem ser chamados, com pleno fundamento, de crise de super-produção. Pode servir de exemplo característico, nesse sentido, a indústria automobilística que, procurando resolver o problema da super-produção reduziu a produção de 28,2% durante os primeiros onze meses desse ano, em comparação com o período correspondente do ano passado.

A construção de residências foi também reduzida consideravelmente, sendo que o número de unidades de construção iniciadas no ano passado diminuiu 17% em comparação com 1955. Reduziu-se também a produção de aparelhos de rádio e de televisão, de móveis e outras mercadorias de uso prolongado.

Que Sustentou a Economia Norte-Americana em 1956?

As grandes despesas feitas com a construção de novas empresas, equipamento e objetivos militares foram os fatores que ajudaram a sustentar a economia em 1956, apesar da redução da produção nos setores acima mencionados da indústria, segundo afirma o "Business Week", em sua edição de 15 de dezembro. Intensifica-se a luta pelos mercados, particularmente na indústria automobilística, estimulando o aumento das inversões de capital na construção de novas empresas e equipamentos, particularmente na segunda metade do ano.

As crescentes despesas militares também serviram de

estímulo artificial para o aumento da produção. Segundo dados estatísticos oficiais, as dotações governamentais para a "Defesa Nacional" durante o terceiro trimestre correspondiam ao nível de 41 bilhões e 900 milhões de dólares por ano em comparação com 40 bilhões e 700 milhões no segundo trimestre e 40 bilhões e 500 milhões no primeiro trimestre. Os dados relativos ao quarto trimestre desse ano ainda não foram recebidos, mas há todo o motivo para supor-se que as despesas com as necessidades militares aumentaram ainda mais.

Nos últimos dois meses de 1956 aumentou a produção de automóvel, que se seguiu à baixa na produção de automóveis na primavera e no verão e à introdução de novos modelos de automóveis no outono, contribuindo consideravelmente para o aumento geral na produção industrial.

Finalmente, em fins do ano os acontecimentos no Canal de Suez acarretaram um pequeno aumento na produção. A agressão contra o Egito, que custou ao povo egípcio muitas vidas e acarretou dificuldades aos povos de muitos países, inclusive dos próprios países agressores, aumentou as rendas das companhias americanas de petróleo, de aço e de construção naval.

O "Estímulo": a Guerra

Em sua edição de 17 de dezembro, a revista "Barrons" afirmou: "Ao invés de prejudicar a economia americana, os acontecimentos no Oriente Médio e na Europa a estimularam".

A revista "Business Week" observa com satisfação que em consequência da falta de petróleo nos países da Europa Ocidental, provocada pela suspensão da navegação no Canal de Suez, a indústria petrolífera americana bateu o recorde e que os fornecimentos de petróleo à Europa Ocidental "aumentaram de uma quantidade insignificante para 400 mil barris por dia".

Tudo isto considerado em conjunto apenas contrabalançou, em grau insignificante, os fatores que atuaram no sentido da baixa da produção e da atividade comercial em geral. A questão que agora intranquiliza os círculos comerciais é a de saber durante quanto tempo e com que eficácia poderão manter o nível atual da conjuntura econômica no país.

Segundo comunicações da imprensa burguesa, um dos fatores favoráveis continua sendo a continuação e até mesmo a intensificação da corrida armamentista nos Estados Unidos. Apesar das afirmações de que estariam em preparo, pelos norte-americanos, novas "propostas de paz sobre o desarmamento", espera-se nos círculos de Wall Street que as despesas militares nos Estados Unidos aumentarão no próximo ano orçamentário. (Como de fato, aumentaram. N. da Red.).

Em declaração recente, Harlow Curtis, presidente da Companhia "General Motors", manifestou-se de maneira otimista em relação às perspectivas que se apresentam à economia americana, fundamentando seu parecer com a suposição de que as despesas militares aumentarão para 42 bilhões de dólares, isto é, ultrapassarão em mais de um bilhão de dólares as despesas militares previstas para o ano financeiro de 1956-1957.

Os últimos comunicados procedentes de Washington indicam, ao que parece, que as despesas militares previstas ultrapassarão até mesmo a expectativa de Curtis. Por exemplo, os irmãos Olson informaram há dias no jornal "New York Herald Tribune" que só a dotação destinada a manter as forças armadas americanas corresponderá, no próximo ano orçamentário, a iniciar-se em julho de 1957, a cerca de 40 bilhões de dólares em comparação com os 36 bilhões de dólares do ano corrente.

Por sua vez, o jornal "Wall Street Journal" prevê que as despesas com as Forças Armadas continuarão provavelmente a aumentar anualmente 5% no mínimo, até o ano orçamentário de 1959-60.

Porque Tentam Intensificar a Tensão Internacional

Como sabemos, há nos Estados Unidos círculos influentes interessados no aguçamento da tensão internacional como pretexto para forçar a corrida aos armamentos e aumentar os lucros dos donos das empresas e companhias militares. É o que informamos recentemente, de maneira franca, a revista "Barrons", ao declarar: "É pouco provável que o aparecimento de um novo capítulo na guerra fria possa prejudicar a economia, se não houver participação direta dos americanos nas operações militares".

No entanto, considerando com satisfação as perspectivas de aumento da corrida armamentista e das despesas decorrentes, os círculos de Wall Street julgam muito menos agradáveis outros aspectos da situação econômica, os quais lhes inspiram alarme. As causas de intranquilidade estão ligadas, sobretudo, ao problema das inversões de capitais com a finalidade de ampliar o potencial de produção. A revista "Business Week" afirma que, a par das despesas mili-

tares, as inversões de capital são os "cavacos básicos" da economia, enquanto que Ernest Zwigert, presidente da Associação Nacional dos Industriais, as considera como "os fatores mais eficazes da economia em 1956".

Henry Alexander, presidente do Conselho de Diretores da Companhia "J. P. Morgan & Co.", fez no princípio deste ano, em seu discurso de Chicago, uma advertência aos otimistas nos círculos capitalistas, os quais estão inclinados a considerar as atuais grandes inversões de capitais como garantia peculiar de um "florescimento prolongado". Alexander afirma: "Devemos nos lembrar muito bem de que, historicamente, o "boom" de inversões de capital que observamos agora sempre foi a fase culminante de um ciclo econômico". Alexander até mesmo aventou a possibilidade de "certa depressão" no ano próximo. E realmente, já há alguns sintomas de que o "boom" de inversões de capital se aproxima de seu ponto culminante.

"Situação das Inversões de Capitais e do Comércio

Com base em dados preliminares, o Ministério do Comércio prevê que as inversões na construção de novas fábricas e maquinaria no 1º trimestre do próximo ano estarão no nível anual de 38 bilhões de dólares, o que representa apenas um nível um pouco mais elevado que o do último trimestre desse ano. O jornal "Wall Street Journal" observa que isso significa o "nivelamento "dessas despesas", e, segundo palavras da revista "The magazin of Wall Street", deve-se esperar, após o término do 1º trimestre, uma possível baixa nas inversões de capitais.

A esse problema está também ligado o aumento dos estoques de produção não vendida. Os estoques de mercadorias existentes em poder de patrões e comerciantes eram calculados, em setembro, no valor de 86 bilhões e 500 milhões de dólares, em comparação com 80 bilhões em setembro do ano passado. O aumento das mercadorias em estoque é determinado, em parte, pelo aumento dos preços, mas também reflete a incapacidade de os mercados interno e externo alcançarem o nível de produção.

Em comparação com o ano passado, o volume do comércio a varejo, em 1956, quase não aumentou. O comércio das Lojas Universais no ano passado foi aproximadamente 3% superior ao de 1955, mas isso reflete mais o aumento dos preços do que o aumento do volume de negócios. Devemos procurar, sobretudo na situação desfavorável quanto à renda real das massas, a causa da incapacidade de o comércio a varejo atingir o nível previsto pelos comerciantes e pelos "economistas".

E os Salários?

A imprensa americana faz grande estardalhaço em torno do aumento do salário que teria sido conseguido pelos operários na indústria de fundição de aço, automobilística e outros setores, em consequência das greves realizadas ou das ameaças de greve. No entanto, o aumento ininterrupto do custo da vida anulou quase totalmente essas conquistas dos operários.

O aumento sem precedente das vendas a crédito das mercadorias de consumo comprova também o atraso da capacidade aquisitiva da população. Basta dizer que, em outubro de 1956 as dívidas relativas à compra de mercadoria de consumo atingiram a uma soma recorde, isto é, cerca de 40 bilhões e 200 milhões de dólares em comparação com 32 bilhões em 1954. Entre outros fatores citados pelas revistas especializadas como fundamento para a intranquilidade e insegurança quanto ao ano de 1957, devemos ressaltar: 1) a continuação da crise crônica na agricultura; 2) o receio de que o volume da construção de residências pode baixar ainda mais; 3) a existência do sintoma de superprodução em alguns setores da indústria produtora de mercadorias de consumo; 4) a supertensão na esfera do crédito, que dificulta aos patrões conseguir empréstimo bancário; 5) o aguçamento da concorrência nos mercados externos.

Crise à Vista?

A revista "United States News and World Report", comentando em sua edição de 14 de dezembro, os pronunciamentos de quase duzentos banqueiros que haviam comparcido, naquele mês, ao Congresso Nacional dos Banqueiros realizado na Flórida, comunicava que dois terços dos financeiros abordados esperam o "pioramento" da conjuntura econômica em meados deste ano ou um pouco posteriormente.

Nenhum dos economistas americanos se atreve agora a prever a fatalidade, para este ano, de uma crise de grandes proporções. No entanto, muitos deles já não podem fechar os olhos à existência de "pontos fracos" e de fenômenos de crise na economia dos Estados Unidos, os quais prenunciam novas dificuldades e infortúnios na vida do povo americano.



As dificuldades da economia norte-americana atingem seriamente o campo, determinando inclusive a existência de grandes excedentes da produção agro-pecuária.

